



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Tinder: Estratégias de dissolução utilizadas em aplicações de *dating online* entre jovens adultos em Portugal

Jânia Maria Ramos Pardal

Mestrado em Comunicação Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador: Doutor Jorge Vieira, Professor Auxiliar
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2020

Tinder: Estratégias de dissolução utilizadas em aplicações de *dating online* entre jovens adultos em Portugal

Jânia Maria Ramos Pardal

Mestrado em Comunicação Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador: Doutor Jorge Vieira, Professor Auxiliar
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2020

Dedico este trabalho aos meus familiares e amigos,
pelo incentivo e apoio constantes

Agradecimento

Uma dissertação de mestrado é uma longa viagem, cheia de desafios, incertezas, revelações e muitos contratempos pelo caminho. Ainda que o processo seja, por vezes, solitário, vários são os contributos indispensáveis para que o trabalho chegue a bom porto.

Quero por isso agradecer ao meu orientador, Professor Jorge Vieira, que me acompanhou ao longo do tempo e esteve disponível para esclarecer dúvidas, fazer questões e apoiar nas alterações necessárias, sempre com uma visão crítica e oportuna.

Agradeço também a todos os professores de mestrado pelos conhecimentos e competências que partilharam ao longo destes anos, que culminaram na elaboração deste estudo.

Aos meus colegas de curso e de mestrado, que participaram na partilha de conhecimentos e ajudaram a tornar este trabalho uma realidade.

Por fim um grande e sentido agradecimento a todos o que me apoiaram, direta e indiretamente, na concretização desta dissertação, pelo estímulo contínuo e necessário nesta caminhada.

Resumo

A partir do final do século XX assistiu-se a uma transformação global, apoiado no desenvolvimento de novas tecnologias e a chegada da internet que tornou o mundo mais digital, em rede, com uma comunicação mais rápida, acessível e autónoma. Os indivíduos adotaram a internet, deram-lhes usos pessoais, surgindo comunidades *online* baseadas em interesses e valores, onde laços sociais são criados e mantidos. A internet, redes sociais *online* (RSO) e o *smartphone* passam a ser peças fundamentais na vida pessoal e social dos indivíduos. Contudo, também no séc. XX várias foram as mudanças sociais relativas à sexualidade, onde maior liberdade sexual foi alcançada. Neste contexto, tendo em conta as transformações tecnológicas que ocorreram e as alterações na vida social dos indivíduos, o estabelecimento e manutenção de relações românticas e sexuais foi facilitado, permitindo também uma maior diversidade na escolha de parceiro romântico ou sexual. Regista-se um aumento na aderência ao *online dating* que se tornou uma forma aceitável e vantajosa na procura de intimidade, amor e sexo. No entanto, o papel mediador das RSO e aplicações de encontros existe tanto no começo das relações, como na dissolução destas.

A presente dissertação parte da premissa teórica que os novos *media* tecnológicos possibilitam diversas estratégias para a negociação da dissolução de relações. Considerando o papel mediador das aplicações de encontros e a popularidade que elas continuam a ganhar, esta investigação teve como objetivo principal investigar e identificar entre os utilizadores do Tinder, quais os formatos de interrupção de relações sociais ou afetivas fundadas inicialmente na aplicação. Este é um tema que continua por ser explorado em Portugal, sendo este um estudo qualitativo que pretende mitigar esta lacuna. Foram feitas entrevistas a 10 indivíduos residente em Portugal, onde se tentou compreender a realidade social destes e de que forma os mesmos executam as dissoluções em relacionamentos. Através dos resultados obtidos foi possível verificar as formas de dissolução de uma relação utilizadas dentro e fora da aplicação, perceber eventuais diferenças entre tipo de estratégias utilizadas em função de género e intimidade estabelecida, bem como reconhecer possíveis diferenças entre tipo de estratégias utilizadas em função do possível colapso de contextos.

Abstract

Since the end of the 20th century there has been a global transformation, supported by the development of new technologies and the arrival of the internet that has made the world more digital, networked, with faster, more accessible, and autonomous communication. Individuals have embraced the internet, given them personal uses, and online communities have emerged based on interests and values, where social ties are created and maintained. The internet, online social media and the smartphone have become fundamental items in the personal and social life of individuals. Also, in 20th century, there were several social changes related to sexuality, where greater sexual freedom was achieved. In this context, taking into account the technological transformations that have occurred and the changes in the social life of individuals, the development and maintenance of romantic and sexual relationships have been facilitated, allowing also a greater diversity in the choice of romantic or sexual partners. There was an increase into the online dating which has become an acceptable and advantageous way of looking for intimacy, love, and sex. However, the mediating role of online social media and dating applications exists both at the beginning of relationships and at their dissolution.

The present dissertation starts from the theoretical premise that the new technological media enable several strategies to negotiate the dissolution of relationships. Considering the mediating role of dating applications and the popularity they continue to gain, this investigation aimed to explore and identify among Tinder users, which formats of interruption of social or intimate relationships were initially founded in the application. Since this is a topic that remains to be explored in Portugal, this is a qualitative study that aims to mitigate this gap. Interviews were conducted with 10 individuals residing in Portugal, where we tried to understand their social reality and how they perform the dissolutions in relationships. Through the obtained results, it was possible to verify the ways of dissolving a relationship inside and outside the application, to perceive possible differences between the type of strategies used according to gender and established intimacy, as well as to recognize possible differences between the type of strategies used according to the possible collapse of contexts.

Índice

Agradecimento	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Capítulo 1. Introdução	1
Capítulo 2. Revisão da Literatura	3
2.1. Internet e transformação	3
2.2. Redes sociais <i>online</i> e transformações	5
2.3. Intimidade <i>Online</i>	7
2.4. <i>Online dating</i>	9
2.5. Tinder	13
Capítulo 3. Metodologia	15
3.1. Pergunta de partida, objetivos e questões de pesquisa subsidiárias	15
3.2. Procedimento Metodológico	15
3.3. Amostragem	16
Capítulo 4. Análise de Entrevistas	19
4.1. Utilização de aplicações de <i>dating</i> e Tinder	19
4.2. Relações sociais, afetivas e sexuais	22
4.3. Dissolução de relacionamentos	25
4.3.1. Estratégias Indiretas/Evasivas	25
4.3.2. Estratégias Diretas	28
Capítulo 5. Conclusões	33
Referências Bibliográficas	37

CAPÍTULO 1

Introdução

No final do século XX assistiu-se a uma transformação global, com o desenvolvimento de novas tecnologias associadas à informação, comunicação e aparecimento da internet (Castells, 2004), o mundo como era anteriormente conhecido alterou-se, tornando-se mais digital e em rede (Castells, 2006). A comunicação, tornou-se mais rápida, acessível e autónoma.

Surgiram comunidades *online*, baseadas nos valores e interesses dos indivíduos, onde estes são a peça central (Boyd & Ellison, 2007; Castells, 2004). O papel da internet, redes sociais *online* (RSO) e *smartphone* ganha então um carácter relevante na vida pessoal e social dos indivíduos (Hobbs, 2016), estes adotaram a internet e adaptaram-na a usos sociais (Rosenfeld & Thomas, 2012).

Desde a introdução das RSO, milhões de indivíduos tornaram-se utilizadores fazendo uso destes *sites* diariamente (Boyd & Ellison, 2007). Laços sociais são criados e mantidos através da internet, quebrando algumas das barreiras de tempo e espaço de relações em co-presença, no entanto, estas relações sociais que se encontram na internet, nas RSO, também poderão ser mantidas no mundo *offline* (Boyd & Ellison, 2007; Recuero, 2009).

Também no séc. XX surgiram várias mudanças sociais relativas à sexualidade dos indivíduos. Alcançou-se uma maior liberdade sexual nas sociedades modernas (Hobbs et al., 2016) com o aumento da igualdade e conhecimento sexual individual, sendo que os métodos contraceptivos libertaram as relações sexuais do seu carácter reprodutivo e a luta feminista trouxe um novo sentido ao papel da mulher nestas relações.

Neste contexto, tendo em conta as transformações tecnológicas que ocorreram com a introdução das novas tecnologias, a vida social dos indivíduos foi significativamente alterada, facilitando o estabelecimento e manutenção de relações românticas e sexuais (Bergdall, 2012), permitindo também uma maior diversidade na escolha de parceiro romântico ou sexual (Hobbs et al., 2016).

O fenómeno dos encontros *online* é cada vez mais comum na atualidade, a aderência por parte das pessoas tem vindo a aumentar, tanto a nível nacional como internacional (Vieira & Sepúlveda, 2017). Desde a sua emergência, a utilização das aplicações e *sites* de encontros *online* tem vindo a ser geralmente entendida como uma forma aceitável e vantajosa na procura de intimidade, sexo e amor (Hobbs et al., 2016).

As novas tecnologias permitem um novo conjunto de ferramentas importantes para a negociação e possível formação de novas relações sexuais ou românticas (Meenagh, J, 2015). Aliás, o papel mediador das RSO e aplicações de encontros não se restringe apenas no começo das relações, mas também na dissolução destes. E este é o foco deste trabalho, ou seja, parte-se da premissa teórica que os novos *media* tecnológicos possibilitam diversas estratégias para a negociação da dissolução de relações (Meenagh, J, 2015).

Tendo em conta o papel mediador das aplicações de encontros e a popularidade que elas continuam a ganhar, esta dissertação foca-se numa aplicação em específico — o Tinder — por ser uma das primeiras aplicações de *dating* desenhada enquanto aplicação de telemóvel ao invés de extensão de um *site* de encontros (Sumter, et al., 2017) e por ter sido considerada a mais popular, com mais de 10 milhões de utilizadores ativos por dia (Sumter, et al., 2017).

Tendo por base todo o contexto até aqui mencionado, o objetivo principal deste estudo foi investigar e identificar entre os utilizadores do Tinder, quais os formatos de interrupção de relações sociais ou afetivas estabelecidas inicialmente na aplicação. A questão de partida foi a seguinte: Quais as estratégias usadas pelos utilizadores jovens portugueses de aplicações de *dating online* para dissolverem relacionamentos estabelecidos?

Este é um tema que continua por ser explorado em Portugal, sendo este um estudo qualitativo que pretende mitigar esta lacuna e onde se tentou perceber a realidade social destes indivíduos e de que forma os mesmos praticam as dissoluções em relacionamentos.

A amostragem contou com 10 indivíduos residentes em Portugal. A idade dos participantes estava compreendida entre os 23 anos e os 28 anos, sendo que a média de idades se encontra nos 26 anos. Abordaram-se dois géneros, não focando apenas num universo masculino ou feminino; o mesmo se aplica à sexualidade dos indivíduos: 8 participantes consideram-se heterossexuais, 1 considera-se homossexual e 1 bissexual. As entrevistas foram realizadas entre Janeiro e Agosto de 2020, todos os participantes são utilizadores do Tinder, sendo que ao longo da utilização da aplicação foram criando relações sociais e afetivas. Todos eles tiveram relações com pessoas que conheceram na aplicação, sendo que existem vários tipos de relações com menos ou mais intimidade.

Revisão da Literatura

2.1. Internet e transformação

No final dos anos 90 assistiu-se a uma transformação global, que marcou a história do Mundo, nomeadamente com o aparecimento de novos paradigmas tecnológicos que dizem respeito às tecnologias da informação e comunicação (TIC). O mundo como era anteriormente conhecido alterou-se, tornando-se mais digital e em rede (Castells, 2006). Desde o final do séc. XX, com o desenvolvimento das novas tecnologias associadas à informação e comunicação e aparecimento da internet, a sociedade e o mundo têm vindo a sofrer transformações constantes, alterações tanto ao nível social, como político e económico (Castells, 2004).

Estas transformações fizeram despontar diferentes formas de organização social que têm por base redes de comunicação digital (Castells, 2006). Surgem comunidades *online*, onde o indivíduo é a peça central e onde as comunidades estão baseadas nos seus valores, interesses e semelhanças (Castells, 2004; Boyd & Ellison, 2007), que, numa visão otimista digital, transcendem o tempo e o espaço, não têm fronteiras físicas, conseguindo estar associadas e comunicar em diferentes lugares geográficos, em diferentes momentos do dia, desta forma são comunidades em rede, interativas (Castells, 2006; Lévy, 2009).

As novas tecnologias, como a internet, as RSO e os *smartphones* têm vindo a ter, cada vez mais, um papel importante e significativo nas vidas pessoais e sociais dos indivíduos, tornando-se intermediários sociais (Hobbs et al., 2016). Com a introdução das novas tecnologias, aparecimento e crescente importância da internet na vidas das pessoas, vários foram os receios relativos ao uso e às consequências que teriam na vida de cada um, nomeadamente em relação ao uso constante das novas tecnologias e da internet e o medo de estas tornarem os indivíduos mais isolados e menos sociais, ou que seriam perigosos para a formação de relações sociais (Cardoso et al., 2015; Gershon, 2010a).

No entanto as relações sociais continuam a existir fora do mundo mediado em rede, podendo estar a ser fortalecidas, uma vez que estas alterações na sociabilidade permitiram um maior contacto entre os indivíduos, pois dispensam proximidade geográfica e permitem uma interação com vários indivíduos em simultâneo (Cardoso et al., 2015; Castells, 2006; Chambers, 2013; Recuero, 2009). Estas redes digitais emergiram então como complemento às relações *offline*.

Para além de diferentes formas de economia e participação política, com a internet surgiram novas formas de participação social, tal como diferentes formas de socialização e expressão (Castells, 2004; Recuero, 2009). Os moldes tradicionais anteriormente encontradas nas relações sociais, que tinham por base relações familiares, no trabalho e no lugar físico de residência, foram modificadas e com isto, novos e diferentes espaços de interação foram criados (Recuero, 2009). Com estas recentes formas de sociabilidade, o indivíduo tornou-se a peça central, onde, através das novas tecnologias os indivíduos formam comunidades no mundo em rede, baseadas nos seus valores, interesses e semelhanças (Boyd & Ellison, 2007; Castells, 2004).

A articulação da evolução tecnológica com os seus usos, trouxe alterações na forma como a internet é utilizada (Cardoso et al., 2015). Surgiram os *smartphones*, *tablets*, e outros dispositivos móveis que, com o acesso à internet de banda larga tornaram esta experiência mais portátil (Cardoso et al., 2015). Os indivíduos adotaram a internet e adaptaram-na a usos sociais (Rosenfeld & Thomas, 2012). A própria comunicação, tornou-se mais rápida, acessível e autónoma.

A emergência da internet e a sua influência, no que toca à comunicação, originou notáveis transformações tecnológicas, revolucionando as telecomunicações e a respetiva indústria (Castells, 2006). A internet faz parte da vida diária de muitas pessoas, alterou a sociedade e a forma como os indivíduos interagem, pois existe e manifesta-se em todos os contextos locais e sociais (Silva & Moraes, 2013). A troca de informação e a comunicação entre indivíduos tornou-se mais rápida, o mundo ficou mais próximo, tudo isto através da internet e das tecnologias da informação, ou seja, a informação pode ser partilhada num curto espaço de tempo, não havendo fronteiras físicas para a mesma (Silva & Moraes, 2013).

Através das interações sociais, laços sociais, entre os indivíduos, são estabelecidos. Consoante o nível de trocas comunicacionais estabelecidas, os laços sociais dos indivíduos podem tornar-se mais fortes ou fracos. A diferença entre os laços sociais criados através da internet é que estes podem ser mantidos à distância, no entanto, os laços sociais que se encontram na internet, nas RSO, são muitas vezes mantidos também no mundo *offline*. (Boyd & Ellison, 2007; Recuero, 2009) Os dois tipos de interação, *offline* e *online*, em co-presença e mediados, não são mundos opostos, pelo contrário, as relações e interações entre indivíduos integram-se nestes dois tipos de interação, complementam-se nestas duas realidades (Miller, 2016).

Castells (2004) afirma que várias foram as culturas que surgiram, associadas à internet e às novas tecnologias, uma delas foi a cultura comunitária “virtual”. Os indivíduos que pertencem a esta cultura são utilizadores de redes e utilizam a internet e as novas tecnologias como instrumento para uma nova organização e relação social (Castells, 2004).

No entanto, as instituições tradicionais, que anteriormente sustentavam a integração da sociedade e a sua estabilidade, como a família patriarcal, associações cívicas, Estado-Nação, entre outros, estão a tornar-se cada vez menos importantes e incapazes de promover sentido aos indivíduos (Cardoso et al., 2015). Por sua vez, o indivíduo está mais individualizado, mais concentrado nos seus próprios interesses. Consequentemente, através deste individualismo e autonomia de grupo a sociedade e as instituições sociais estão a transformar-se, reconstruindo o sentido a partir de novas estruturas sociais criadas (Cardoso et al., 2015).

Em suma, as evoluções da tecnologia, com o aparecimento da internet e meios de comunicação em massa, tornaram esta reconstrução social possível pois deram a oportunidade de indivíduos com interesses semelhantes socializarem (Cardoso et al., 2015). No entanto, numa visão que afasta o determinismo tecnológico, não é a tecnologia a modificadora do comportamento humano, mas sim uma facilitadora na transformação do mesmo.

E embora existam várias críticas sociais que indicam que a comunicação mediada está a deteriorar as relações presenciais, estudos indicam que as tecnologias da comunicação potencializam, através da mediação, vínculos fortes e ricos, dando possibilidade de relações íntimas mesmo havendo barreiras de tempo e distância (Chambers, 2013). Os meios digitais tornaram-se mais personalizados e diversos (Chambers, 2013). A internet possibilitou a formação e expansão de um novo espaço público, um espaço complexo e heterogéneo onde o indivíduo consegue viver entre o seu próprio “eu” e o anonimato ou pseudónimo; consegue viver entre o universal e o particular, entre ser produtor e consumidor (Silva, 2001).

2.2. Redes sociais *online* e transformações

Com o surgimento das plataformas de redes sociais *online* (RSO), as relações sociais atingiram novas dinâmicas, uma vez que os indivíduos tiveram acesso a indivíduos conhecidos ou desconhecidos, de outros grupos sociais e independentemente da distância a que se encontrem (Boyd & Ellison, 2007). Para os autores, Boyd e Ellison (2007), *sites* de RSO podem ser concetualmente definidos como serviços que existem na internet e permitem: a construção de um perfil pessoal (público ou não), dentro de um sistema delimitado; a interação entre utilizadores com quem estabelecem ligações; e também ver e encontrar as ligações feitas por outros dentro do mesmo sistema.

Desde a introdução de *sites* de RSO, milhões de indivíduos tornaram-se utilizadores fazendo uso destes *sites* no seu quotidiano (Boyd & Ellison, 2007). Os utilizadores destas RSO, utilizam-nas com objetivos finais diversos, desde políticos, económicos, sociais, sexuais ou românticos.

A partir dos *sites* e aplicações de RSO, as pessoas têm vindo a conseguir comunicar com outras independentemente do local geográfico em que estes se encontrassem, criando novos laços sociais (Silva, et al., 2013) e conseguindo ter acesso a uma maior variedade na escolha de parceiro romântico ou sexual (Hobbs, 2016).

Como explicado anteriormente, a internet alterou as formas como os indivíduos se relacionam. Com o surgimento dos *sites* e aplicações de RSO, os indivíduos conseguiram, através destas ferramentas, interagir e comunicar com outros conhecidos ou desconhecidos (Boyd & Ellison, 2007). O conjunto entre os atores e as ligações é o que é chamado de rede social *online*, ou seja, as pessoas e instituições, bem como as comunicações, convívios e laços sociais que são criados entre estes (Recuero, 2009).

Através do perfil de cada um, ligações com outros utilizadores podem ser estabelecidas, criando uma lista de ligações (Boyd & Ellison, 2007). Cada utilizador consegue ter acesso à lista de cada uma das suas ligações, facilitando o aumento da sua própria lista (Boyd & Ellison, 2007). Desta forma, as RSO dos indivíduos estão disponíveis para consulta de outros, que pertençam à sua rede. Assim sendo, os indivíduos podem estabelecer ligações com outros que não pertencem à sua rede social, algo que de outra forma não seria possível ou seria de difícil acesso. A internet tornou mais eficaz a procura de novas pessoas fora do círculo social, já existente, de cada um (Rosenfeld & Thomas, 2012) e deu origem a novas formas de comunicar. A comunicação à distância tornou-se mais abrangente, mais visual (Cardoso et al., 2015) e rápida. Desta forma estes *sites* de RSO conseguem reforçar laços sociais pré-existentes ao mesmo tempo que criam relações, sendo um importante fator no reforço da coesão de grupo e na diminuição do sentimento de isolamento (Cardoso et al., 2015).

A tecnologia estrutura as RSO, molda a forma como os indivíduos participam e utilizam as mesmas, e embora a própria tecnologia não imponha e determine o comportamento dos utilizadores, ela configura, regula e estrutura o ambiente moldando a interação dos indivíduos (Boyd, 2011).

Os *sites* de RSO tornaram-se lugares de encontro entre indivíduos. Tanto adultos como jovens recorrem a estes *sites* para socializarem com amigos ou conhecidos, para verem e serem vistos (Boyd, 2011). As RSO permitem que indivíduos se encontrem para fins sociais, culturais ou cívicos, conectando os indivíduos independentemente das suas localizações geográficas, para além do grupo de amigos e familiares (Boyd, 2011) e representam um espaço onde os indivíduos podem expressar as suas identidades (Ranzini & Lutz, 2016).

Desta forma os indivíduos não são moldados apenas pela sua localização geográfica, mas também pelas suas redes de conhecimentos (Boyd, 2011). As RSO facilitam interações informais entre indivíduos, tanto de amizade como íntimos, expandindo grandes possibilidades de um maior e mais diverso contacto íntimo entre indivíduos (Chambers, 2013).

Os atores na internet e através das páginas pessoais, isto é, as pessoas que estão envolvidas na RSO, constroem uma identidade *online*, uma construção pessoal de si mesmo, uma presença do “eu” que está sempre em construção, dinâmica e em constante atualização de forma a refletir a nova auto-perceção do indivíduo (Döring, 2002; Recuero, 2009). Existe uma necessidade de criação desta individualidade, deste “eu” *online*, como forma de existir na socialidade *online*; se o “eu” não existir, não consegue estabelecer ligações, ou seja, são as próprias representações e o tipo de representação criadas pelo ator que vão ditar também o tipo de ligação estabelecida com outros indivíduos (Döring, 2002; Recuero, 2009).

Alguns autores argumentam que a distinção entre práticas *online* e *offline* já não é algo que se possa fazer de forma leviana uma vez que os indivíduos interagem com um grande leque de plataformas de comunicação e identidade que já por si carregam múltiplas identidades (*online* e *offline*) e onde não existe nenhuma linha de separação clara (Meenagh, 2015; Miller, 2013;). Assim sendo, as novas tecnologias não produzem novas formas de interação entre indivíduos, apenas permitem que as mesmas interações, feitas anteriormente, continuem a ser produzidas, em novos ambientes tecnológicos, facilitando ou dificultando os mesmos (Meenagh, 2015).

Segundo Boyd (2002) existem dois componentes relativos à identidade individual, a componente interna – a percepção que o indivíduo tem de si mesmo, a sua auto-percepção, em reflexão com as suas experiências e o mundo — e componente social — entendida externamente, não dependendo apenas na intenção do indivíduo, mas na sua expressão efetiva e na percepção da sua individualidade. Existe uma identidade social que, através das pistas que existem nos diversos ambientes sociais, utiliza certos aspetos da identidade interna e os projeta na identidade social (Boyd, 2002). Assim, tendo em conta o contexto social em que se inserem, indivíduos tendem a expor uma ou outra faceta específica de si mesmos, ajustando a sua própria imagem ao contexto, para evitar desconforto social, desaprovação, por parte de outros e manter a sua própria privacidade (Boyd, 2002).

Na sequência da emergência das RSO, onde os indivíduos utilizam diversas identidades em diferentes situações onde estes se encontrem, não existindo uma separação clara entre o público e o privado, profissional e pessoal, surgem colapso de contextos sociais (Jenny & Nathan, 2014). O colapso de contextos refere-se à forma como os indivíduos, informações e normas de um contexto social específico transpassam para outro (Boyd, 2002; Jenny & Nathan, 2014).

O colapso de contextos poderá ser intencional ou não e é esta diferença na intencionalidade que distingue o resultado obtido (Jenny & Nathan, 2014). Enquanto que em casos intencionais, numa mesma rede social, vários contextos podem se coligar, exemplo disso temos Facebook e LinkedIn, trazendo benefícios ao aumentar a rede de contactos, em casos não intencionais, a colisão entre dois contextos distintos poderá resultar em situações desconfortáveis e com consequências, por vezes, drásticas para os intervenientes (Jenny & Nathan, 2014).

2.3. Intimidade *online*

Intimidade é tradicionalmente caracterizada como proximidade, familiaridade, no entanto a noção de intimidade com estas características tem sido modulada verbalmente e alterada através da ubiquidade, do seu carácter imediato e aceleração de ligações dadas pelas aplicações de encontros *online* (David & Cambre, 2016).

No século passado, era através da família, escola, igreja ou vizinhança que se encontravam as potenciais pessoas para sair em encontros românticos e no futuro estar numa relação (Hobbs et al., 2016; Rosenfeld & Thomas, 2012). Assistia-se assim a uma grande influência por parte destas instituições tradicionais na procura e escolha de parceiro(a) sexual e romântico(a). No entanto os *sites* e aplicações RSO estão a gerar novas formas de namoro e contacto íntimo entre indivíduos negociando e reconfigurando a intimidade num contexto *online* (Chambers, 2013).

No séc. XX existiram várias mudanças sociais no que diz respeito à sexualidade dos indivíduos; houve um aumento na igualdade e conhecimento sexual de cada um; os próprios métodos contraceptivos libertaram as relações sexuais do seu carácter reprodutivo; e o próprio feminismo transformou o papel da mulher nestas relações. Desta forma atingiu-se uma maior liberdade sexual nas sociedades modernas (Hobbs et al., 2016).

Atendendo às mudanças tecnológicas que aconteceram com a chegada das novas tecnologias, a vida social dos indivíduos foi substancialmente alterada. Desta forma abrindo portas para o estabelecimento e manutenção de relações românticas e sexuais (Bergdall, 2012), permitindo também uma maior variedade na escolha de parceiro romântico ou sexual (Hobbs et al., 2016).

O número de pessoas que conheceram os seus parceiros em contexto *online* tem aumentado com o tempo, consequentemente diminuindo a importância das antigas instituições ligadas a este efeito (Rosenfeld & Thomas, 2012). O *online dating* influenciou a transformação na procura de intimidade, uma vez que permitiu ao indivíduo a procura de par, para relacionamentos sexuais ou românticos (Sepúlveda & Vieira, 2020). Não sendo necessariamente estas relações, obtidas através de *sites* ou aplicações de encontro, mais frágeis que as obtidas através de contextos mais tradicionais — amigos, família, escola, etc. (Rosenfeld & Thomas, 2012).

Dentro das plataformas de encontros *online*, as aplicações utilizadas em *mobile media* distinguem-se dos *sites* de encontros *online*, tendo uma maior atividade por parte dos seus utilizadores. Segundo Ranzini e Lutz, C (2016), os *mobile media*, neste caso os *smartphones*, distinguem-se por quatro aspetos importantes: o seu carácter móvel, que permite o seu uso em vários locais, públicos, semipúblicos ou privados; a disponibilidade dos *mobile media*, facilita a espontaneidade e a frequência no uso de aplicações de encontros; o aspeto relacionado à própria localização do utilizador e do que existe ao seu redor (permitido pelo GPS), que facilita a correspondência com outros indivíduos que se encontrem nas proximidades, permitindo também a troca de mensagens e facilitando o próprio encontro físico entre indivíduos. Outra característica destas aplicações é o foco na imagem, que ocupa a maior parte do ecrã, em detrimento do texto (Vieira & Sepúlveda, 2017; Sepúlveda & Vieira, 2020). As aplicações de encontros *online* permitem também uma sincronização rápida entre outras RSO do utilizador, facilitando a partilha de informação e imagens.

2.4. *Online Dating*

O fenómeno dos encontros *online* é, nos dias de hoje, cada vez mais comum. A utilização das aplicações e *sites* de encontros *online* é crescentemente, visto como um meio aceitável e vantajoso de conhecer parceiros(as) românticos(as) (Hobbs et al., 2016).

As aplicações de encontro *online* têm quatro fatores que potencializam a sua influência nos encontros românticos e sexuais entre os indivíduos: mobilidade, imediatismo, proximidade e foco no visual (Ranzini & Lutz, 2016). Para além destes quatro fatores, as próprias aplicações permitem o início de várias conversas simultâneas *online*, o que não é possível de acontecer num ambiente fora do mundo *online* (Timmermans & Courtois, 2018). Isto permite que os indivíduos possam sair e ter encontros com pessoas que não pertencem ao mesmo meio social ou com a mesma proximidade física, abrindo o leque de opções e permitindo uma maior variedade na escolha de parceiro(a) (Timmermans & Courtois, 2018).

As aplicações de encontros, distinguem-se de outros *sites* de *dating*/encontros pelo seu carácter móvel que facilita uma flexibilidade nas fronteiras entre o mundo *offline* e *online*, podendo estar o indivíduo em existência tanto no plano virtual como no plano físico (Ranzini & Lutz, 2016). Esta aproximação entre os dois planos, incentiva os seus utilizadores a encontrarem-se pessoalmente (Ranzini & Lutz, 2016).

Este tipo de aplicações, tem tido uma grande aderência por parte das pessoas, crescendo tanto no mercado nacional como internacional, estimando-se que existiam mais de 50 milhões de utilizadores em todo o mundo (Vieira & Sepúlveda, 2017).

Através da utilização destas tecnologias digitais o número de parceiros sexuais tem vindo a aumentar, uma vez que possibilitou o encontro com outros indivíduos com as mesmas intenções sem a obrigação de interação social futura; no entanto não é apenas com o intuito de obter um encontro sexual que os mesmos utilizam estas plataformas, vários indivíduos utilizam-nas com a intenção de encontrar um parceiro romântico para uma relação estável e duradoura (Hobbs et al., 2016).

Estas plataformas de encontros *online* foram importantes no aumento de possibilidades românticas para indivíduos cujas mesmas seriam mais escassas, como por exemplo indivíduos mais velhos, ou a comunidade LGBT (Hobbs et al., 2016).

Segundo Rosa (2019) o dinamismo social é o que confere estabilidade a uma sociedade moderna, estando em constante crescimento, inovação e aceleração. Existem três eixos de aceleração para Rosa (2019), aceleração técnica e tecnológica, aceleração social e aceleração do ritmo de vida. Temos assim, uma sociedade com um ritmo cada vez mais acelerado (Rosa, 2019) e com acesso à internet, esta forma de procura e encontro de parceiro(a) torna-se mais atrativa para que indivíduos com vidas muito ocupadas consigam conhecer e encontrar-se com potenciais parceiros(as) sem ter que despende muito tempo ou energia na procura do mesmo; permitindo que os indivíduos identifiquem outros com quem partilham interesses e se sintam atraídos fisicamente (Chambers, 2013; Hobbs et al., 2016). Os utilizadores destas formas de encontro, acreditam que estas plataformas são um bom intermediário na procura de intimidade, sexo e amor (Hobbs et al., 2016). Havendo também uma diminuição do estigma, associado a estes métodos de encontros *online*, por parte dos indivíduos e sociedade (Hobs et al., 2016),

As novas tecnologias permitem um novo conjunto de ferramentas importantes para a negociação e possível formação de novas relações sexuais ou românticas (Meenagh, 2015). O poder de controlar o tempo de resposta entre uma e outra comunicação, que na comunicação física não é usual, dá uma sensação de menor vulnerabilidade em relação ao outro, a partir do uso das novas tecnologias (Meenagh, 2015; Pascoe, 2010;). A comunicação através de novas plataformas tecnológicas permite uma maior atenção ao detalhe da mensagem, possibilitando também uma maior ambiguidade na mensagem trocada, evitando a possível rejeição por parte do outro (Meenagh, 2015).

As novas tecnologias podem ser também usadas para desenvolver relações mais íntimas, relações que anteriormente existiriam entre indivíduos, sejam essas relações de amizade pré-existentes, ou mesmo apenas relações de conhecimento (Bergdall et al. 2012, Gershon, 2010a, Meenagh, 2015). Os indivíduos utilizam a informação que encontram nos perfis de RSO para aprender mais sobre a pessoa em questão, tal como anteriormente se fazia através de amigos ou família (Meenagh, 2015; Pascoe, 2010).

Mas se as relações já podem começar com a ajuda de RSO e aplicações de encontros, estas novas tecnologias também podem ter um papel de mediador para dissolver relações entre indivíduos. Os novos *media* tecnológicos permitem uma variedade de estratégias para a negociação da dissolução de uma relação (Meenagh, 2015)

Vários académicos identificaram estratégias utilizadas pelos indivíduos para terminar relacionamentos (Baxter, 1982; Cody, 1982; Sprecher, et al., 2014; Zimmerman, 2009). Todas as abordagens verbais ou não verbais utilizadas com o objetivo de romper um relacionamento são consideradas estratégias de dissolução de relação (Baxter, 1982; Sprecher et al., 2014; Zimmerman, 2009). Estas estratégias são estudadas tendo em conta a perspetiva de quem inicia a dissolução (Sprecher et al., 2014).

Em 1982, Baxter, ao estudar as estratégias de dissolução utilizadas por indivíduos, concluiu que as ações de dissolução de relacionamento agrupam-se em quatro padrões: Retração/Evasão, estratégias Manipuladoras, estratégias de Tom Positivo e estratégias de Confrontação aberta. Estes 4 grupos de estratégias dividem-se em duas dimensões: a) Direto e Indireto (Confrontação aberta e Retração/Evasão); b) Outro – Auto-orientação (Estratégias de Tom Positivo e Manipulação) (Baxter, 1982).

Indivíduos utilizam as tecnologias da comunicação para terminar relacionamentos de forma abrupta, repentina ou diminuir a frequência de contacto até este deixar de existir por completo, durante o período em que a dissolução vai acontecendo, o estatuto da relação torna-se pouco claro para os envolvidos. E este segundo tipo de dissolução pode vir acompanhado de uma nova relação com outro indivíduo, ainda durante o período de dissolução indireta, havendo mais do que uma relação em simultâneo (Bergdall et.al., 2012). Esta estratégia passiva de dissolução, negociação, de uma relação é útil para indivíduos que estejam incertos da sua vontade dentro da relação (Gershon, 2010a, 2010c).

Gershon (2010c), investigou jovens estudantes universitários, nos EUA, e reporta que a dissolução de uma relação é negociada através de várias plataformas de *media* e que o uso de apenas um meio em específico para negociar os termos da relação é mais eficaz que a utilização de vários meios para comunicar, pois a troca de comunicação torna-se menos confusa (Gershon, 2010a, 2010c). A própria troca de comunicação e negociação da relação através de várias plataformas de *media* cria ambiguidade, tornando-se numa situação menos clara para os indivíduos em questão (Gershon, 2010c).

Meenagh, (2015), explorou a negociação das várias fases de uma relação, por parte de jovens, e argumenta que embora a dissolução de uma relação utilizando *medias* tecnológicas como mediadoras é algo inapropriado, ela também afirma que não existem regras sobre a forma mais apropriada de conduzir uma dissolução.

Segundo (Gershon, 2010c) as ideologias de *media* têm uma grande relevância na forma como as pessoas interpretam as mensagens que recebem, assim sendo apenas o conteúdo da mensagem não é tudo, as ideologias de *media*, ou seja, as ideias e crenças que os indivíduos têm acerca de um meio em específico também desempenham um papel importante na forma como a própria mensagem é recebida (mais ou menos casual, familiar e aceitável) (Gershon, 2010b). Entender as ideologias de *media* de cada pessoa pode dar informações sobre como as mensagens são recebidas e respondidas pelas mesmas, ou seja, ideologias de *media* não nos dão informação sobre o que realmente está a ser comunicado, mas sim sobre o que os indivíduos pensam estar a ser comunicado (Gershon, 2010b, 2010c). E como nenhum meio existe isolado, a percepção desse está dependente da percepção de outros anteriores a ele, ou seja, a ideologia de *media* referente a um meio existe numa comparação com outros meios e ideologias de outros meios (Gershon, 2010b; Bolter and Grusin, 1999).

Na comunicação tecnológica, contemporânea existe um maior leque de escolhas que o indivíduo tem ao seu dispor para passar determinada mensagem (Gershon, 2010c). A escolha do meio para uma comunicação pode ser tida como formal ou informal, facilitador de resposta ou não, público ou privado, permitindo entoação ou não, etc., assim também a estrutura do meio de comunicação utilizado indica o tipo de interação que estes querem ter com o outro, passando também uma narrativa social (Gershon, 2010c).

Para além das ideologias de *media*, também os idiomas de prática, ou seja, as formas de utilização que os indivíduos acreditam ou concordam serem as apropriadas numa determinada tecnologia e meio de comunicação podem não ser idênticos a outros indivíduos, tornando a comunicação mais difícil ou mal-interpretada (Gershon, 2010c). Os idiomas de prática são criados na interação com outros e definidos (implicitamente ou explicitamente) em termos de normas de utilização; também por serem criados nesta interação, diferentes grupos de indivíduos podem ter diferentes idiomas de prática (Gershon, 2010c). Uma vez que as novas tecnologias de *media* são um fenómeno recente e em mudança, ainda não houve tempo suficiente para que um consenso acerca dos vários meios fosse estabelecido dentro de uma sociedade, surgindo vários tipos de práticas que por vezes se confrontam com outras práticas (Gershon, 2010c).

É nos momentos em que estratégias de comunicação são desenvolvidas para resolver problemas sociais específicos que os idiomas de prática são criados (Gershon, 2010c). À medida que os indivíduos desenvolvem estratégias para lidar com os seus próprios problemas sociais, eles desenvolvem um senso de ética própria que distingue o que será certo ou errado, e estes valores de ética associados aos novos *media* também não são partilhados com todos de forma geral, pelo contrário, são desenvolvidos por cada indivíduo, criando assim múltiplos ideais de ética que podem ir de acordo ou contra os ideais de cada um (Gershon, 2010c).

A forma como os indivíduos entendem os novos *media* irá influenciar a forma como estes os vão usar (Gershon, 2010c).

Com o tempo e uso de um determinado meio tecnológico, as práticas podem passar de idiomas múltiplos para práticas aceites pela comunidade geral, no entanto demora algum tempo para os indivíduos concordarem de forma geral ou maioritária com o tipo e estratégias que devem ser usadas pela comunidade, especialmente quando estas estratégias estão ligadas a acontecimentos sociais emocionais (Gershon, 2010c).

O tipo de relação estabelecida também tem influência no tipo de estratégia utilizada para a dissolução da relação; relações casuais são mais prováveis de acabar de forma repentina, explicitamente discutido, ou não, entre os indivíduos do que relações mais sérias (Bergdall et.al., 2012). Por vezes, a estratégia de dissolução abrupta, sem nenhum tipo de explicação entre as partes, é entendida como uma pausa temporária na relação (Bergdall et.al., 2012).

Em outros casos existe um declínio na frequência da comunicação entre as partes da relação, este declínio é indício de problemas na relação e caso se mantenha é indício de que a relação acabou, no entanto isto acontece sem qualquer comunicação direta sobre o término da relação (Bergdall et.al., 2012).

2.5. Tinder

O Tinder, foi uma das primeiras aplicações de *dating* desenhada enquanto aplicação de telemóvel ao invés de extensão de um *site* de encontros (Sunter et al., 2017), tendo mais tarde surgido a versão para computador ((Sepúlveda & Vieira, 2020). É uma aplicação de *dating*, ou seja, uma plataforma de relacionamentos e encontros (Vieira & Sepúlveda, 2017) e foi considerada a mais popular, com mais de 10 milhões de utilizadores ativos por dia (Sunter et al., 2017). Um utilizador desta rede social poderá, ao criar o seu perfil na aplicação, utilizar informação presente no Facebook, nomeadamente idade, género, amigos e interesses (Sunter et al., 2017). Para além disto também poderá sincronizar a sua conta de Instagram (onde partilha fotografias) e Spotify (que mostrará as suas preferências musicais) (Ranzini & Lutz, 2017), bem como escrever uma pequena biografia, apresentando assim uma imagem mais elaborada de si mesmo, no entanto a cedência pública desta informação pessoal é opcional. O acesso à aplicação é gratuito, havendo planos de pagamento que permitem o acesso a outras funcionalidades como saber quem gostou do seu perfil antecipadamente, destacar o perfil por um determinado tempo, ter acesso a gostos ilimitados e retroceder nas decisões já tomadas (Sepúlveda & Vieira, 2020).

Apesar de tudo, a informação pessoal partilhada é reduzida, uma vez que a aplicação se foca, essencialmente, na aparência dos indivíduos (Sunter et al., 2017), sendo as fotos a grande chamada de atenção da pessoa. Dentro da aplicação, o usuário pode programar as suas preferências quanto ao que procura, como idade, género e a distância a que quer encontrar os possíveis *dates*, ou seja, outros utilizadores da aplicação (Sunter et al., 2017; Sepúlveda & Vieira, 2020). A própria aplicação utiliza a geolocalização do *smartphone* do utilizador para localizar potenciais utilizadores que se encontrem dentro desse raio de distância. Esta é uma das características principais da aplicação, uma vez que indica os utilizadores que se encontram próximos da pessoa, facilitando o encontro entre os mesmos (Ranzini & Lutz, 2017).

Estando todos estes aspetos selecionados, a aplicação funciona numa lógica de ludificação (*gamification*); quando um potencial *match* é encontrado, o utilizador indica se está interessado naquela pessoa ou não deslizando para a esquerda (caso não tenha interesse) ou direita (caso tenha interesse) a foto que lhe foi apresentada. O mesmo acontece nas aplicações dos outros utilizadores, assim sendo quando duas pessoas demonstraram interesse uma pela outra, dá-se o *match* e uma janela de conversação é aberta onde estes já podem comunicar (Sepúlveda & Vieira, 2020). Desta forma, a aplicação centra-se em três aspetos importantes: a portabilidade da aplicação e proximidade geográfica com os outros utilizadores, a partilha de fotos e a troca de mensagens. (Ranzini & Lutz, 2017)

Sendo o Tinder um formato semelhante a um jogo (Hobbs et al., 2017), onde se escolhe de quem se gosta ou não gosta, acaba por ter um carácter de lazer, que retira pressão e investimento emocional (Hobbs et al., 2017), bem como uma fonte de socialização entre pessoas.

Apesar de ser uma aplicação de encontros e mesmo sendo vista como uma espécie de jogo, o Tinder não deixa de ser uma rede social *online* (RSO). Segundo (Wellman, 1996) ao termos um conjunto de relações socialmente relevantes, temos um grupo de pessoas que pertence a uma rede social. Sendo exatamente isto que acontece no Tinder, ou seja, um grupo de pessoas que se vão conectar via *smartphone* ou computador para criar ou manter relações sociais.

CAPÍTULO 3

Metodologia

2.1. Pergunta de partida, objetivos e questões de pesquisa subsidiárias

Tendo em conta o enquadramento teórico e objetivos desta dissertação, surge a definição da pergunta de partida: Quais as estratégias usadas pelos utilizadores jovens portugueses de aplicações de *dating online* para dissolverem relacionamentos estabelecidos?

O objetivo principal da pesquisa foi investigar e identificar entre os utilizadores do Tinder, as estratégias de rutura que estes utilizam nas relações estabelecidas na aplicação, ou seja, de que forma interrompem as relações sociais ou afetivas estabelecidas inicialmente na aplicação.

Foram definidos também objetivos secundários que ajudam a compreender e contextualizar possíveis padrões e variantes comportamentais:

- Verificar as formas de dissolução de uma relação utilizadas dentro e fora da aplicação.
- Investigar eventuais diferenças entre tipo de estratégias utilizadas em função de género.
- Averiguar as possíveis diferenças entre tipo de estratégias utilizadas em função da intimidade estabelecida.
- Certificar potenciais diferenças entre tipo de estratégias utilizadas em função do possível colapso de contextos.

2.2. Procedimento Metodológico

Segundo Creswell (2014), numa pesquisa académica tanto a teoria como a prática são passos importantes para o seu sucesso, ou seja, não só os conceitos, mas também as abordagens estratégicas de pesquisa e os métodos utilizados, são peças fundamentais para uma boa investigação científica.

Foi utilizada uma estratégia abdutiva como forma de conhecer não só as práticas dos indivíduos, mas também os sentidos que os mesmo dão a essas práticas e às representações (Blaikie, 2000), isto é, tentou-se perceber a realidade social destes indivíduos (e a perceção que têm desta) e de que forma os mesmos praticam as dissoluções em relacionamentos.

Mobilizaram-se para isso as entrevistas, como método qualitativo. Segundo May (2004), este é um método para gerar e manter conversas sobre um determinado tema, o que produz uma compreensão mais aprofundada das experiências, valores, opiniões e atitudes dos indivíduos. Dentro do método qualitativo que é a entrevista, existem distintos tipos de entrevista (May, 2004), no entanto, para efeitos deste estudo foi utilizada a entrevista semi-estruturada. Este tipo de entrevista caracteriza-se por utilizar perguntas específicas, todavia, o entrevistador tem liberdade para procurar um esclarecimento ou elaboração das respostas dadas (May, 2004). Este método foi escolhido exatamente porque permite uma maior liberdade de resposta ao mesmo tempo que mantém uma estrutura de comparabilidade (May, 2004).

2.3. Amostragem

Dentro das plataformas de encontros *online*, as aplicações utilizadas em *mobile media* distinguem-se dos *sites* de encontros *online*, tendo uma maior atividade por parte dos utilizadores (Ranzini & Lutz, 2016). Tendo em conta estas características e o que já foi previamente exposto, focou-se em aplicações de encontros *online* e dentro do leque das aplicações deste género, a aplicação eleita para esta pesquisa foi o Tinder, uma vez que é estimada o seu uso por mais de cinquenta milhões de utilizadores ao nível mundial e, a nível nacional teve um grande crescimento no mercado português desde a sua implementação no mercado (Vieira & Sepúlveda, 2017).

A amostra desta pesquisa contou com 10 indivíduos que utilizam o Tinder sendo uma amostragem por conveniência e obtida através do método de bola de neve, que consiste em encontrar indivíduos que pertencem à população-alvo deste estudo e que, por sua vez, dão origem a outros indivíduos para a amostragem (Dewes, 2013).

A amostragem contou então com 10 residentes em Portugal. A idade dos participantes estava compreendida entre os 23 anos e os 28 anos, sendo que a média de idades se encontra nos 26 anos, porque acredito que, tal como Blakie (2000) explica, a própria comunicação entre o pesquisador e os indivíduos sujeitos a esta pesquisa é uma parte de extrema importância. Desta forma ao pertencerem a uma faixa etária na qual me insiro tornou mais fluída a comunicação entre as partes, uma vez que a própria linguagem geracional é tendencialmente a mesma; outra razão para a escolha desta faixa etária foi que, segundo estudos anteriormente feitos noutros países, o grupo etário de utilizadores destas plataformas encontra-se entre os 18 e os 29 anos de idade (Chambers, 2013). Abordei o género masculino e feminino uma vez que se pretendia entender a abordagem dos dois, não me focando apenas no universo específico de um género. O mesmo se aplica à identidade sexual dos indivíduos: 8 participantes consideram-se heterossexuais, 1 considera-se homossexual e 1 bissexual.

Neste tipo de aplicações o colapso de contextos (Boyd, 2007), é muito possível de acontecer, e quando acontece, poderá ser constrangedor pois poderão encontrar colegas do trabalho, familiares, estando o indivíduo num tipo de representação própria que poderá não querer mostrar a todos os tipos de públicos. Desta forma, em contextos mais rurais onde o número de indivíduos a viverem nesse local geográfico é menor, acresce a probabilidade de encontrarem conhecidos, amigos, colegas. Tendo isto em mente, inicialmente pretendia circunscrever a pesquisa a Lisboa, e jovens adultos que viviam nessa cidade, pois esta é a capital de Portugal, havendo um maior número de pessoas a utilizarem esta mesma aplicação, logo o sentimento de receio com o colapso de contextos que possa haver neste tipo de aplicações, é menor, contribuindo para uma maior liberdade do indivíduo nas suas práticas. No entanto, no decorrer da pesquisa ficou claro que não existe uma utilização urbana restrita versus uma utilização em ambiente mais rural, ou seja, os indivíduos acabam por utilizar a aplicação em vários contextos geográficos. Assim sendo, a localização espacial foi tida em conta na análise, no entanto não me reduzi apenas a um ambiente, mas abordei a utilização do indivíduo no seu total.

Também inicialmente as entrevistas seriam realizadas presencialmente, no entanto como as entrevistas foram feitas durante os primeiros seis meses de 2020 e tendo em conta o contexto pandémico vivido mundialmente, optou-se por realizar as entrevistas via videochamada.

Em suma, as entrevistas foram realizadas entre Janeiro e Agosto de 2020 a 10 indivíduos residentes em Portugal. Em relação ao género dos participantes: 6 entrevistados consideram-se do género masculino e 4 do género feminino. Todos os participantes são utilizadores do Tinder, sendo que ao longo da utilização da aplicação foram criando relações sociais e afetivas. Todos eles tiveram relações mais ou menos fugazes com pessoas que conheceram na aplicação, sendo que depois variam os tipos de relações que podem ser de maior ou menor intimidade.

Análise de Entrevistas

4.1. Utilização de aplicações de *dating* e Tinder

Todos os participantes utilizaram o Tinder no último ano, normalmente a sua utilização é por temporadas, no sentido em que passam um período ativos no perfil e na aplicação e mais tarde desinstalam ou deixam de usar.

Entrevistado 2: “Comecei a usá-la tipo bué vezes, ainda cheguei a ter alguns encontros. Depois desliguei um pouco, cerca de 6 meses... passado esses 6 meses voltei outra vez e tipo, às veze suso.”

Entrevistado 3: “Já desinstalei algumas vezes por períodos de tempo, mas a maior parte das vezes tenho a *app* instalada, mas ...não dou uso, não vou lá regularmente.”

Entrevistado 8: “Utilizei durante um tempo, depois acabo por conhecer alguém e afasto-me da aplicação.”

Durante as entrevistas outras aplicações de *dating* foram mencionadas, como o Grindr, o Badoo, Happn, Bumble e Her, no entanto a preferência foi sempre o Tinder por considerarem a aplicação mais popular entre os jovens - tal como reportando por Vieira e Sepúlveda (2017) que afirmam o Tinder como uma aplicação de *dating* com grande aderência e crescimento no mercado nacional e internacional. Os entrevistados consideraram também o algoritmo do Tinder superior na seleção de perfis.

Entrevistado 9: “Já utilizei outras aplicações, como o Badoo, mas aquilo é um bocado sinistro...o Tinder é mais seletivo, os perfis são mais bem escolhidos, deve ter um algoritmo melhor.”

Entrevistado 7: “Utilizo o Tinder porque é a mais popular. Sei que existem outras, mas não tenho curiosidade em experimentar.”

Em relação à perceção que têm da aplicação, houve um sujeito que reportou considerar esta aplicação não apenas virada para encontros sexuais, ao contrário de outras aplicações de *dating* (e por isso a sua preferência pelo Tinder), sendo a sua utilização também para encontrar relacionamentos mais duradouros – indo ao encontro do que Hobbs, et al. (2016) afirma, ou seja que existem indivíduos que utilizam *dating apps* com o intuito de encontrar parceiro romântico para uma relação estável e acrescento também para conhecer novas pessoas e amigos, fora dos seus círculos habituais (Sepúlveda & Vieira, 2020).

Entrevistado 1: “Tenho também o Grindr. (...) O Grindr é uma aplicação só de homossexuais, mais basicamente para sexo entre homens, e, portanto, é muito mais carnal e muito mais usada para fins sexuais do que no Tinder.”

Entrevistado 10: “Quando usei, ainda que nem sempre resultasse numa relação quer sexual quer afetiva, conheci pessoas interessantes. Isso faz parte da experiência e torna-a positiva.”

Outro dos entrevistados, embora utilize o Tinder, julga que existem mais perfis falsos nessa aplicação, no entanto houve também quem discordasse desta afirmação.

Existem essencialmente três grandes razões que levaram os indivíduos a usarem a aplicação: a curiosidade de perceber como funcionava, a influência dos amigos e o interesse em conhecer e ter relações sexuais com novas pessoas.

Entrevistado 4: “Estava com uns amigos, pessoas que eu tinha acabado de conhecer e elas estavam a falar disso e eu sempre tive curiosidade nessas redes sociais e porque não arriscar?”

Entrevistado 3: “No início foi só um bocado para ver como funcionava, para ver o que se passava lá, como funcionava, por experiência. Agora não, agora é mais para ir a *dates*, tentar ver se encontro alguma pessoa interessante, conhecer pessoas novas e diferentes.”

Entrando em mais detalhe e tendo em conta que existem indivíduos que mencionaram mais que um motivo para terem entrado na aplicação. Dos 10 indivíduos entrevistados, 4 afirmaram entrar por influência de amigos e por curiosidade em perceber como funcionava a aplicação.

Houve também quem entrasse por curiosidade em descobrir que outras pessoas estariam inscritas na aplicação, sendo que este indivíduo é de uma zona rural, com poucos indivíduos e por isso acabam por se conhecer quase todos — como dito por ele: “aqui somos todos conhecidos” — interessante perceber que, neste caso específico, o sujeito procura de forma intencional o colapso de contextos, voltando ao que Jenny e Nathan (2014) explicam sobre este fenómeno, quando é intencional poderá trazer benefícios ao indivíduo, embora este não explicita as razões para o ter feito.

Uma outra razão dada por um entrevistado foi estar a fazer um projeto, para uma disciplina da faculdade, que tinha como tema o Tinder, enquanto que outro entrevistado disse que entrou na rede por se sentir solitário em alguns momentos, utilizando o Tinder como um escape para esses tempos mais solitários e aborrecidos, fazendo este paralelismo entre a aplicação e momentos de lazer e socialização, tal como Hobbs, et al. (2016) afirmava. Contudo metade dos entrevistados mencionaram entrar no Tinder para conhecer pessoas novas, ter novas experiências e parceiros sexuais, sendo este o motivo mais predominante no discurso.

De mencionar também que os motivos que levaram os entrevistados a entrar na aplicação foram se alterando, isto também muito ligado ao facto da utilização da aplicação não ser linear. Como afirma Sepúlveda e Vieira (2020) as motivações que levam os indivíduos a utilizar a aplicação são multidimensionais, sendo necessário ter em atenção variáveis como a percepção que têm de si mesmos, a fase da vida em que estão e as próprias vivências ou acontecimentos específicos. Relacionando esta visão teórica com o que foi exposto pelos entrevistados, quem ingressou inicialmente por influência de amigos e curiosidade na utilização da aplicação acabou por continuar para conhecer novas pessoas e ter encontros românticos ou novos parceiros sexuais – não havendo nenhuma afirmação que levasse a crer que os parceiros sexuais tenham vindo a aumentar.

Todos eles trocam, mais tarde, de RSO com os outros utilizadores com *match*, sendo Instagram a mais frequente, depois WhatsApp e Facebook. Esta troca acontece de forma dita como “natural” com a evolução da conversa e por diversos motivos. Nomeadamente para perceberem se a pessoa revelou informações falsas no perfil do Tinder e para ter mais informações sobre a pessoa, para facilitar a conversa, uma vez que mencionam que acabam por silenciar as notificações do Tinder.

Entrevistado 1: “Se encontrar alguém que procure algo mais duradouro e a conversa estiver a fluir, e interesses em comum e tudo mais, então aí, prefiro dar o meu contacto, por exemplo o Instagram, para falarmos. No Tinder eu tenho as notificações desligadas, enquanto nas outras aplicações tem mais facilidade em contactar-me. (...) Porque no Instagram vais conhecendo melhor a pessoa. Falo por exemplo 3 dias com a pessoa, se, entretanto, criar interesse ao fim desses dias, passo para outra rede social até eventualmente combinar um encontro.”

Entrevistado 9: “Se eu achar que a pessoa está interessada, começo a pedir outras redes sociais para perceber se é gira e se é verdadeira. Já me aconteceu falar com uma pessoa que tinha imagens que não eram dela porque dizia que julgavam muito apenas pela aparência. (...) E só mais tarde teve à vontade para partilhar mais informação. Falamos umas duas semanas e depois deu-me outras redes sociais e acabamos por nos encontrar.”

Esta adição noutra rede social, como o Instagram, vem reforçar que a informação pessoal partilhada no perfil de Tinder é algo reduzido, muito baseado na aparência tal como refere Sumter, et al. (2017), havendo então esta necessidade de procurar mais detalhes da pessoa noutras RSO. Também por forma a manter a conversa com a pessoa e não perder o contacto, uma vez que consideram o Tinder uma plataforma pouco estável — aqui não seria a plataforma que é instável, mas o comportamento na plataforma, pois existem várias pessoas a enviar mensagens ao mesmo tempo, bem como a fazer *match* tornando a experiência menos pessoal. Aqui vamos novamente ao encontro de Hobbs, et al. (2016) de que o investimento emocional acaba por ser retirado da plataforma uma vez que esta tem um carácter de lazer e grande socialização associado.

Entrevistado 8: “Eventualmente, quando a conversa fluía, que não era sempre, optava, não sei se com receio que a conversa se perdesse, tentava sempre pedir número e transitar para o WhatsApp, para algo mais fixo. Porque a aplicação dá-me sempre uma certa incerteza e até acho que é uma coisa técnica com que a aplicação gosta de brincar, a maneira como a aplicação funciona, não teres bem a certeza se a pessoa te vai responder, porque a pessoa eventualmente tem mais 3 ou 4 ou 5 pessoas a mandar mensagens, ou mais. Então era uma maneira de tentar segurar e levar para o lado mais pessoal.”

O Instagram seria a mais comum, no entanto com o prolongar da conversa acabam por trocar, por vezes, WhatsApp — uma aplicação de mensagens instantâneas. O objetivo final seria sempre encontrarem-se pessoalmente, mas admitem que por vezes isso não acontece, mantendo apenas um relacionamento *online* por um determinado tempo. O próprio facto de, em alguns casos, a relação não avançar para um encontro pessoal, cara a cara, deixa um sentimento de frustração, partilhado por alguns entrevistados, que acaba por ter influência na forma como estes terminam essas relações, embora as estratégias utilizadas não sejam as mesmas, como vamos ver mais a frente, muito pelo nível de intimidade criado em cada caso.

4.2. Relações sociais, afetivas e sexuais

Existe uma divisão sobre a forma como veem estas relações começadas na aplicação. Por um lado, há quem mencione que existe um “preconceito e uma desvalorização” em relação às pessoas que conhecem na aplicação e também que acabam por ver a aplicação como um “mercado sexual” o que faz com que “inconscientemente” eliminem a possibilidade de namoro, sendo que também outro afirma que o Tinder faz uma “maior exploração da pessoa”. Vemos presente o estigma social associado à utilização da aplicação que embora, como Hobbs et al., (2016) afirma, tem vindo a diminuir por parte da sociedade e dos sujeitos, nestas entrevistas em concreto continua exposto no discurso de alguns entrevistados e poderá ter influência nas estratégias utilizadas por estes na dissolução de relacionamentos.

Entrevistado 1: “Nós encontramos-nos e relacionamo-nos, através de uma aplicação de encontros e existe sempre esta mentalidade que é quase como se fosse engate. Ou seja, as pessoas ainda têm este preconceito de que, se estás na aplicação és aquele “salta pocinhas” e então há esta baralhação na cabeça das pessoas.” ; “Quando era mais jovem, temos sempre aqueles macaquinhos na cabeça e ficamos a pensar (...) se nos conhecemos na internet e se ele faz isso na internet, deve estar a falar com imensas pessoas... Mas para mim, hoje em dia, já é completamente igual (uma relação começada no Tinder ou num meio mais dito tradicional).”

Entrevistado 2: “Hoje em dia pelo menos do que falo no meu grupo de amigos: Conheceste aquela rapariga no Tinder, achas que ela não vai falar com outros? Ou pensas que já eliminou a aplicação? Isso torna-me uma pessoa um bocado mais fria então não me custa muito terminar uma relação que tenha começado pronto... no Tinder.”;

“Uma pessoa que conhecemos no Tinder não ligamos tanto à parte sentimental, se acabar ‘tá-se bem... Enquanto uma pessoa que não conhecemos no Tinder, ou em outra aplicação qualquer, a gente pensa mais e somos mais sinceros... (conhecendo no Tinder) não pensas tanto se vais magoar a outra pessoa ou não, enquanto que conhecendo fora da aplicação já vais pensar nisso.”

Entrevistado 7: “Eu vejo o Tinder como um mercado sexual, por isso quando é algo mais pessoal, quando me encontro com uma pessoa e não é via *dating app*, acho que isso é mais significativo e dou mais importância a esse tipo de relacionamentos. (...) No Tinder, inconscientemente eu penso que estou aqui só mesmo para ter relações sexuais”

Entrevistado 8: “Quando conheces uma pessoa no Tinder, a coisa vai muito para o lado da exploração do outro ... acho que existe um *background à priori* muito marcado. Não é como conhecer através de um amigo, existe uma conotação diferente.”

Por outro lado, outros afirmam que não existe diferença na forma como percebem as pessoas ou as relações iniciadas no Tinder uma vez que a “finalidade é a mesma” e “semelhante a sair para um bar e conhecer alguém”. Consideram semelhante conhecer a pessoa através do Tinder ou através de meios mais tradicionais, admitindo que a aplicação permite tornar “mais simples” o processo de conhecer novas pessoas bem como criar uma personificação falsa ou ocultar detalhes físicos que de outra forma não poderiam ser omitidos.

Entrevistado 3: “Na prática acho igual conhecer alguém pelo Tinder ou não. Talvez na noite, ou quando conheces alguém presencialmente, consegues ter logo a perceção de como é a pessoa fisicamente, enquanto que nas redes sociais ou Tinder podes sempre criar uma expectativa, seja do tipo de voz que tem, o comportamento que vai ter e isso vai ser diferente mas depois a interação na prática de como falar por mensagem e combinar café vai ser igual.”

Entrevistado 10: “No Tinder é mais simples encontrar pessoas. Considero igual, conhecer pessoas através da *app* ou fora dela. A minha finalidade é a mesma. E vivo o mesmo tipo de experiência.”

Entrevistado 6: “Acho que é sempre diferente conheceres uma pessoa presencialmente ou no Tinder, no contacto inicial. Depois de conhecer presencialmente deixa de haver diferença. Para mim é indiferente se conheci na aplicação ou na rua...”

Existe um consenso de que o Tinder é um meio aceitável e vantajoso para conhecer pessoas e parceiros sexuais, no entanto, embora considerem também profícuo para conhecer parceiros românticos, existe uma parte dos entrevistados que não vê a aplicação como uma forma muito aceitável de o fazer, admitindo um preconceito em relação ao Tinder que não têm quando se referem a formas mais tradicionais de conhecer pessoas. Se olharmos para o conceito de ideologias de *media* partilhado por Gershon (2010b, 2010c), percebemos que estas ideologias e crenças criadas pelos entrevistados em relação ao Tinder acabam por influenciar a forma como estes consideram as pessoas que conhecem por lá e aceitam mais ou menos bem as relações criadas a partir da aplicação, por vezes até inconscientemente, reforçando a estigmatização social, ainda presente na sociedade, relativa à utilização de aplicações e *sites de dating*.

Todos eles acabam por viver diferentes tipos de relacionamentos, que vão construindo com diversas pessoas que conhecem através da aplicação. Por forma a conseguir entender melhor as relações partilhadas e perceber o tipo de dissolução utilizado em cada, foram criadas três categorias que emergiram da análise das entrevistas e tiveram por base o nível de intimidade partilhado que foram descrevendo.

1. Relações amorosas/afetivas: onde o grau de envolvimento físico e emocional é elevado, existe “intensidade” nestes relacionamentos e intimidade, “partilha de histórias pessoais”. Estes variam no discurso, havendo indivíduos que mencionam namoro de anos — Entrevistado 1: “Tive um relacionamento de três anos com um rapaz que conheci no Tinder. (...) Houve um namoro intenso”, partilha de casa — Entrevistado 6: “tive numa relação onde acabamos a viver juntos” ou apenas mencionam como relacionamentos mais “românticos”.

2. Relação sexual: aqui existe de facto um envolvimento físico, mas não passa disso e não é visto como algo mais do que a ação em si, podendo ser relacionamentos mais fugazes — Entrevistado 8: “Falamos durante um tempo e depois fomos sair e eu aceitei logo no primeiro encontro ir para a casa dela... fizemos sexo, ainda lá passei a noite, porque ela vivia muito longe. Mas nem queria. No outro dia fui me embora e não voltamos a ‘tar juntos.’” — Ou intermitentes no sentido em passam períodos sem estarem juntos e depois voltam a estar, é um relacionamento mais “casual”, “esporádico” e muitas vezes mencionado como “amizade colorida”.

3. Relação exclusivamente *online*: são os relacionamentos que não saem das aplicações, podendo sim sair da aplicação Tinder, passando por norma, para outras RSO como o WhatsApp e Instagram. Estas relações mediadas pelas TIC podem, ou não, ser mais duradouras e diárias que as relações sexuais, havendo exemplos de indivíduos que estiveram em contacto diário com outros durante meses, criando também uma intimidade, ainda que não seja física.

4.3. Dissolução de relacionamentos

Passando para o foco desta dissertação, o término de relações iniciadas na aplicação Tinder, durante as entrevistas foram mencionadas várias estratégias de dissolução que foram, após análise, agregadas na seguinte tipologia:

Estratégias Indiretas/Evasivas:

Dentro destas estratégias encontram-se abordagens não verbais utilizadas com o objetivo de romper um relacionamento, de uma forma esquiva, mas rápida, através do desaparecimento (*ghosting*) repentino, bloqueio em RSO (o que leva à privação de contacto entre as partes), diminuição da conversa criando um afastamento lento, ou mesmo não tendo nenhuma atitude e deixar a decisão para a outra pessoa ou mantendo uma amizade contínua com momentos de mais e menos intimidade ao longo do tempo.

Estas estratégias foram utilizadas em relacionamentos com uma menor intimidade entre os indivíduos, indo ao encontro de Baxter (1982) que afirma que quanto mais próxima e íntima é uma relação menor é a probabilidade da utilização de estratégias de dissolução indiretas, esquivas ou manipuladoras.

1. *Ghosting* repentino – completo desaparecimento, repentino, onde os indivíduos deixam de responder a quaisquer mensagens. Este pode ser acompanhado, ou não, de um bloqueio ou desconexão das redes sociais *online* já partilhadas, privando também a outra pessoa de conseguir comunicar.

Esta estratégia foi utilizada por 6 dos entrevistados e sempre empregue em relações sexuais ou relações *online*, quando não existia uma grande intimidade ou ligação emocional entre os indivíduos. Nestes casos os indivíduos não mencionam preocupação com a forma como esta estratégia é recebida pelo outro.

Entrevistado 1: “se essa resposta (na aplicação) for algo que não me agrada, simplesmente faço *ghosting*, não faço *unfollow*, nem *unmatch*, simplesmente deixo de responder à pessoa. Porque acho que é evidente.”; “há outras (pessoas) que desconecto automaticamente, porque não temos nada a ver um com o outro”, “se for uma pessoa que já não tens grande paciência e não estás conectado e mentalmente, aí é mais provável fazer *ghosting*.”;

Entrevistado 3: “Cortei logo, depois do date não houve qualquer tipo de contacto.”; “sim, os *ghosting* faço quando não senti qualquer tipo de ligação emocional, intelectual, nada. Foi só ‘tarmos a falar e depois perdeu-se o interesse, tanto eu como ele deixamos de falar, foi mútuo... Não bloqueio. Tá lá no Tinder.”;

Entrevistado 5: “faço *ghosting* a pessoas que considero estranhas e que não sinta qualquer ligação ou interesse” — Nestes casos, não houve nenhum encontro pessoal, cara a cara, sendo utilizada em relações que existiram apenas mediadas por aplicações;

Entrevistado 4: “Se eu sentir que está a ser uma cena má corto logo...bloqueio, mas não bloqueio (sempre) em todas as redes sociais... imagina... há um rapaz que eu sigo (Instagram) mas não falamos e estamos desligados um do outro.”

Entrevistado 6: “Costumo utilizar o *ghosting*... para não ter que enfrentar e lidar com os sentimentos da outra pessoa”, “É mais fácil não dizer nada, porque depois não tenho nenhuma consequência disso”

Entrevistado 8: “A última mensagem que eu tive foi um bom dia. E eu não respondi...Não sei, talvez foi a vontade de um não confronto. Isto foi só uma cena de uma noite, só.”

2. Afastamento lento/Diminuição de conversa – passa por uma tentativa de ir diminuindo o contacto com a pessoa, sem nenhuma atitude abrupta e sem bloqueios em RSO. Os encontros começam a ser menos regulares e as conversas mais espaçadas, até haver um afastamento por completo. Durante este período de afastamento também se verificou que o estatuto da relação é ambíguo como Bergdall et.al., (2012) explica. Novos relacionamentos com outras pessoas podem emergir sem que o primeiro tenha oficialmente terminado para a outra pessoa, estando assim o indivíduo com mais de um relacionamento em simultâneo. Esta estratégia foi utilizada por metade dos entrevistados, sendo frequente nos três tipos de relacionamentos anteriormente definidos. Acontece também que, em alguns casos, este tipo de estratégia não foi bem-sucedida e a outra pessoa acabou por insistir e pedir uma resposta direta sobre o que estaria a acontecer e o estado da relação, nesses casos em que foram confrontados, acabam por recorrer a outra estratégia.

Entrevistado 2: “Cada vez vou falando menos com a pessoa, desaparecendo aos poucos...fui deixando de falar e *yah* foi assim.”, “Tipo para um dia mais tarde termos uma amizade mais ou menos fixe também vou pensar na melhor maneira... Bem olha, vou tentando falar menos, pode ser que custe menos à outra pessoa.”

Entrevistado 6: “Como na vida real não haveria mais contacto nenhum sem ser aquele que desejamos, então acabo simplesmente por me desligar emocionalmente e mentalmente da pessoa e criar esse distanciamento porque é mais fácil para mim.”; “A minha parte mais natural é simplesmente deixar, abstinência de resposta é mais esse o meu método de trabalho.”; “Acabo por ter este método de distanciamento e a própria pessoa nota... comes-te a afastar ao poucos, afastar por completo seria estranho porque a pessoa acabo por achar que estás chateado ou assim. O que acaba por acontecer é ir fazendo aquele esforço de contacto, mas começo a distanciar e acabo por não falar mais.”

Entrevistado 8: “Conheci uma rapariga e percebi logo que havia ali uma cena que não era só sexual. Nesta fase da minha vida estava a falar com várias pessoas ao mesmo tempo ...e acabei por me apaixonar por outra pessoa. (...) houve um afastamento no sentido de haver falta de comunicação, o ambiente ficou estranho”; “Acabei por desaparecer aos poucos, não tive coragem para ser direto e sincero com a pessoa”;

5. Inércia – neste tipo de estratégia o indivíduo não toma nenhuma atitude e apenas reage à ação dos outros, isto é, caso a outra pessoa pretenda manter a relação ou não, este aceita a situação sem hesitar; apenas um entrevistado diz utilizar esta estratégia em relacionamentos sexuais que tenha tido.

Entrevistado 7: “Por norma deixo ao critério da outra pessoa, terminar ou não.”, “Acabo por esperar a iniciativa da outra pessoa. Se ela quiser falar novamente e marcar encontro, tudo bem. Se não acabo por deixar também.”

6. Em pausa — *Stand By* – Aqui o contacto é sempre mantido e não existe uma dissolução da relação, apenas uma pausa para mais tarde retomar. Ou seja, uma amizade é mantida e a intimidade entre os indivíduos vai se alterando ao longo do tempo, com momentos de maior presença e ligação e outros momentos de maior afastamento. Também este tipo de estratégia permite que outros relacionamentos possam acontecer simultaneamente, uma vez que a relação nunca termina efetivamente, apenas “desacelera”.

Só um indivíduo mencionou utilizar este tipo de estratégia, em relacionamentos sexuais e mais afetivos.

Entrevistado 9: “Basicamente não acabei nenhum relacionamento”, “Tipo eu vou sempre falando e mantendo contacto com a pessoa, mas não tão assiduamente ... tento não meter conversa para não ficar iludida”, “nunca houve um corte de relações, com quem me encontrei, falo.”, “mas preocupo-me com o que a pessoa possa sentir”, “tenho é certos cuidados para não iludir a pessoa”.

Estratégias Diretas:

Dentro destas estratégias encontram-se abordagens verbais e assertivas, mediadas pelas TIC ou em copresença física, para dissolver relacionamentos.

A estratégia de conversa frontal não mediada foi mais utilizada em relacionamentos mais íntimos, onde existia uma maior proximidade entre as partes ou então foi utilizada por influência da outra pessoa, ao pedir satisfações e exigir respostas declaratórias. Por seu turno, a conversa frontal mediada foi utilizada tanto em relacionamentos mais íntimos e afetivos bem como em relacionamentos mais casuais e sem grande ligação emocional.

3. Conversa frontal (não mediada) – neste caso o indivíduo explica em copresença física, face a face, por palavras claras que a relação não tem futuro, podendo ou não justificar a situação ao outro;

Sendo que 7 dos entrevistados utilizou uma abordagem direta não mediada num dos seus términos de relação. E foi utilizada em relações amorosas/afetivas, bem como em casos onde pretendiam manter uma amizade no futuro, uma vez que consideram como uma forma respeitosa de comunicar um término, bem como de manter a relação em bons termos no futuro.

Entrevistado 1: “Eu acho que tem a ver com o carinho que tu tens pela pessoa. Eu penso no respeito que tu tens por essa pessoa. Ou seja, há pessoas que se dão mais ao respeito que outras e tu crias-lhes esse respeito. E existe também a questão de: Qual tiveste mais proximidade emocional. Mas se tiveres respeito, por essa pessoa, vais conversar com ela e tentar mostrar-lhe que as coisas não resultam”;

Entrevistado 10: “Por norma termino da mesma forma que termino com pessoas que conheci fora da aplicação. Combinamos encontrar-nos e falamos pessoalmente.”;

Entrevistado 6: “Quando eu acho que valha a pena, no sentido de: *ok* — até nem tivemos nada físico — mas eu gosto de ti como pessoa e então quero-te como amiga, então nesse sentido simplesmente acabamos por conversar”;

Entrevistado 8: “para não haver ressentimentos entre os dois, mais tarde, algum tempo depois acabei por conversar sobre o assunto e acertar o assunto de forma sincera.”;

Este último, Entrevistado 8, foi um dos casos onde a estratégia inicial foi de evasão, com a diminuição da conversa e um afastamento lento, no entanto a outra pessoa não aceitou essa situação e de forma verbal e direta pediu respostas e, após esta assertividade da outra pessoa, o entrevistado acabou por adotar uma nova estratégia, aqui forçada pela outra pessoa.

4. Conversa frontal (mediada) – a explicação é direcionada, existe uma troca de palavras sobre o fim da relação, mas é feita por mensagem; 3 dos entrevistados usaram esta estratégia, a relação para um deles era mais emocional e afetiva, para os outros eram relações sexuais e de pouca ligação emocional.

Entrevistado 3: “os outros que já existe conversa e falamos há bastante tempo, são conversas que tens diariamente, como foi o teu dia, blá blá blá aquelas conversas. E aí eu sinto a necessidade de por um fim, porque se não, ao contrário também gostava que o fizessem.”;

Entrevistado 5: “Depois de ‘tarmos juntos, acabo por mandar mensagem no fim do encontro a dizer que não funcionou, prefiro ser honesta após conhecer a pessoa pessoalmente.”;

Entrevistado 7: “já fui direto e sincero após a pessoa falar e voltar a marcar um encontro. Se voltarem a contactar e mesmo assim eu não quiser, aí digo sim.”.

Não existe uma estratégia mais utilizada por um género, todos utilizam diversas estratégias, o que difere é o grau de envolvimento ou intimidade com cada pessoa, em cada relação e o que cada indivíduo considera mais ou menos apropriado. Confirmando-se o que Bergdall, et al. (2012) no diz, ou seja, que o tipo de relação estabelecida influencia o tipo de estratégia escolhida e utilizada na dissolução da relação.

Entrevistado 1: “Eu acho que tem a ver com o carinho que tu tens por essa pessoa. Eu penso no respeito que tu tens por essa pessoa. E existe também a questão de ‘Qual tiveste mais proximidade emocional’. Mas se tiveres respeito vais conversar com ela e tentar mostrar-lhe que as coisas não resultam. Agora, se for uma pessoa que já não estás conectado fisicamente e mentalmente, aí é mais provável fazer *ghosting*.”

Entrevistado 3: “Depende da empatia que tenho com a pessoa... Se não tiver ligação nenhuma não me preocupo tanto com a forma como termino. Enquanto que se houver uma ligação sinto necessidade de pôr um fim explícito, porque se fosse ao contrário também gostava que o fizessem.”

Assim sendo, a partir dos resultados das entrevistas, chegamos à conclusão de que quanto mais casual for a relação, menor intimidade existe e mais provável será a dissolução através de estratégias evasivas. Sendo que, nestes casos, a intimidade está mais relacionada com a proximidade emocional do que proximidade física/sexual. Em contraste, as relações mais íntimas ou com maior envolvimento emocional tendem a ser dissolvidas através de estratégias diretas.

Meenagh, (2015), diz-nos que a dissolução de uma relação utilizando *media* tecnológicas como mediadoras é considerado algo inapropriado, no entanto isso não se reflete nas respostas dos entrevistados. Estes não entendem de forma negativa a utilização de *medias* tecnológicas na dissolução, mas entendem as estratégias evasivas como menos apropriadas – independentemente do nível de intimidade — no entanto continuam a utilizar.

Existe também um fator curioso na exposição de um entrevistado, que admitiu utilizar maioritariamente a estratégia de evasão por medo da reação da pessoa e para evitar um confronto, mas no discurso martiriza-se por conta disso, porque não acha que seja a melhor estratégia a utilizar pois acaba por magoar a outra pessoa, e também coloca a responsabilidade da estratégia utilizada no término na outra pessoa. Demonstrando ter uma perceção dos efeitos negativos, deste tipo de estratégia, tanto para ele como para o outro.

Entrevistado 8: “Eu racionalizo muito as relações e a forma como acabo e acho que a maneira como acabas com a pessoa está relacionado com o tipo de relação que tinhas com ela. O que não significa que se tens uma relação fixe acabas bem. As vezes não sabes lidar com isso, és infantil e só acabas por fugir. Mas é muito cinzenta a linha que separa.... Porque a outra pessoa também tem responsabilidade em dizer: Então, mas o que é isto? Fui o teu brinquedo? Ou seja, se alguém ficou magoado por o que eu fiz e a forma como fiz, então pode me confrontar”

Outro fator que foi mencionado por condicionar as estratégias utilizadas foi o colapso de contextos (Boyd, 2007, Jenny & Nathan 2014). Alguns indivíduos mencionam uma preocupação extra com pessoas com quem tenham amigos, familiares em comum, ou que frequentem os mesmos ambientes sociais, no entanto não existe uma estratégia mais utilizada nestes casos e dependerá sempre do grau de proximidade e afetividade que tenham com a pessoa e do que os próprios indivíduos consideram como uma boa estratégia para que a relação se mantenha num tom positivo e favorável a reencontros.

Como anteriormente dito, não foi verificado nenhum padrão de ação no que diz respeito a situações onde este colapso existe, todos eles admitem refletir sobre o que fazer, no entanto é uma escolha muito pessoal tendo em conta a afinidade com a outra pessoa e o que cada um considera ter melhores resultados, enquanto uns mencionam que uma conversa direta e pessoal acaba por “evitar mau ambiente” outros indicam que deixar de falar aos poucos é a opção mais “humana” para manter uma boa relação de amizade no futuro. Esta é uma das situações onde se nota algum calculismo na forma de terminar, uma vez que poderá ter consequências no futuro e estes compreendem isso. No entanto esta preocupação não esteve mais presente em indivíduos em meios sociais mais rurais e com menos população.

Entrevistado 2: “Com uma das raparigas mantenho uma relação de amizade, até porque depois no final de algumas conversas fomos a ver e tínhamos alguns amigos em comum e foi um pouco engraçado e então tipo uma amizade, não é muito próxima, mas falamos de vez em quando. (...) para um dia mais tarde termos uma amizade também vou pensar na melhor maneira (para terminar) e se fosse comigo... Bem olha, vou tentando falar cada vez menos, pode ser que custe menos à outra pessoa.”

Entrevistado 6: “Por exemplo se nos conhecemos na noite e não temos amigos em comum e os sítios onde vamos sair não são comuns, então eu nunca mais vou ver esta pessoa, em princípio, na minha vida. Então nesse sentido funciono (a terminar) da mesma forma. Agora, se vou ter contacto com essa pessoa no futuro, ou seja, se as nossas vidas vão acabar por estar interligadas, então acabo por ter mais esforço em tentar que seja uma boa quebra de relação. Porque acaba por ter consequências futuras. Como no Tinder acabo por só ter o contacto desejado com aquela pessoa, acabo por apenas desligar e criar esse distanciamento.”

Estes mencionam uma preocupação e cuidado maior com a possibilidade de haver colapso de contextos corroborando Boyd, (2007) sendo esse maioritariamente não intencional como explicado por Jenny e Nathan (2014). Contudo a preocupação em relação a este fenómeno é maior e é tida em conta mais no início da interação e não no fim. Ou seja, por vezes nem dão *like* nessa pessoa, para não lidar com a situação, no entanto se derem *like* e posterior *match* pensam e calculam a melhor forma de abordar a questão com o outro.

Entrevistado 6: “Quando encontro amigas é mais por brincadeira que dou *like*... Acabam sempre por surgir pessoas conhecidas. (...) Tenho receio quando são amigas do meu irmão, porque não quero nada mexer com esse núcleo de amigas porque, lá está, fico com mais vergonha de ficar mal visto aos olhos do meu irmão do que com elas... Já me aconteceu dar *like* e mais tarde descobrir que são amigas (dele) e aí fico com o pé atrás e acabo por não ir.”

Durante o decorrer da investigação, o sexo masculino promoveu discursivamente um maior estigma em relação à aplicação. No entanto, também manifestou expressamente uma maior consideração sentimental, quando comparado ao sexo feminino — “pode ser que custe menos à outra pessoa”, “não a quero iludir”, “medo da reação dela” —, enquanto que as mulheres demonstraram uma maior atenção aos seus próprios sentimentos — “acabei por perder o interesse e aí sim houve um término, houve uma mensagem de: isto não vai dar... estamos em sintonias diferentes mais vale... *move on*.”, “já nem me lembro quem são”, “é do género: vou saltar desta, não está a dar, não estou a gostar, não há correspondência”.

As formas de dissolução utilizadas dentro e fora da aplicação Tinder diferem, mais uma vez influenciadas pela intimidade e ligação emocional criada entre os indivíduos. Ou seja, o primeiro contacto possível entre os indivíduos é após o *match* quando a janela de conversa se abre e a troca de mensagens passa a ser possível. No entanto após esta primeira troca de mensagens, havendo interesse entre os indivíduos, estes admitem passar para outras RSO por motivos vários, sendo que a relação continua a partir daí, fora da aplicação Tinder. Assim sendo, a ligação emocional estabelecida dentro da aplicação não é muito forte, pois este é apenas o contacto inicial, pelo que a estratégia utilizada será idêntica a outros relacionamentos com as mesmas características, isto é, relações exclusivas *online*, ou não, mas onde não exista grande intimidade entre as partes.

A partir das entrevistas, nunca houve menção de estratégias de auto-orientação, com tom positivo ou manipulador como anteriormente explorado por Baxter (1982) , no entanto seria necessário a exploração detalhada do conteúdo expresso na dissolução, ou seja, a explicação dada em cada dissolução, durante as entrevistas, deixa margem para que elas existam e não estejam a ser mencionadas. Por exemplo, ao saber que utilizam estratégias diretas de conversa frontal (não mediada), percebo que existe uma comunicação verbal sobre o futuro da relação, mas não sei em que tom essa conversa foi tida, quais as justificações dadas, pelo que futuras investigações poderiam ser mais direcionadas e aprofundadas nesse sentido.

Existe também, por vezes, incoerências no discurso dos entrevistados, sendo que seria também interessante fazer uma pesquisa utilizando primeiramente questionário fechado e posteriormente entrevista para explorar melhor estas nuances entre o discurso e a prática.

CAPÍTULO 5

Conclusões

Em virtude da informação revelada pelos utilizadores aquando da realização das entrevistas, demonstra-se que, de facto, os novos *media* tecnológicos possibilitam múltiplas estratégias para a negociação da dissolução de relações e entende-se com uma maior clareza as estratégias de dissolução utilizadas por jovens adultos, residentes em Portugal, em relações que inicialmente estabeleceram no Tinder.

Todos os entrevistados utilizaram o Tinder no último ano, embora a sua utilização seja intermitente, por vagas, e também utilizam outras aplicações para efeitos semelhantes. Consideram o Tinder a aplicação mais popular entre os jovens e com o melhor algoritmo na seleção de perfis, e por isso a preferência na sua utilização.

Existem várias razões que levam os indivíduos a entrarem na aplicação, sendo que por vezes uma pessoa pode indicar mais que uma, no entanto surgiram três grandes motivos no decorrer da investigação: a curiosidade em entender como funcionava, a influência dos amigos e o interesse em conhecer e ter relações sexuais com novas pessoas. Os motivos que levaram cada um a entrar na aplicação vão-se metamorfoseando, pelo que é importante ter em atenção aspetos como a fase da vida em que os indivíduos se encontram, as suas vivências ou acontecimentos específicos. Ou seja, quem inicialmente entrou por influência dos amigos, mais tarde volta a entrar para procurar novos parceiros sexuais, porque terminou um relacionamento, ou volta para ter encontros românticos, ou mesmo por um carácter mais de lazer — sendo um auxílio em momentos mais solitários e de tédio, uma vez que tem um carácter de grande socialização e ócio tal como mencionado por Hobbs, et al. (2016).

Em relação à perceção que têm da aplicação, houve quem reportasse considerar esta aplicação como um “mercado sexual”, mas também houve quem afirmasse o contrário, ou seja, que o Tinder não é apenas utilizado para encontros sexuais, sendo a sua utilização também para outros fins, como relacionamentos duradouros, lazer, conhecer pessoas novas. O contacto é iniciado no Tinder, mas passa para outras RSO, sendo o Instagram e Whatsapp as mais mencionadas. Vários são os motivos que levam a esta maior troca de RSO, um deles é a falta de informação pessoal que existe dentro da aplicação, procurando mais detalhes da pessoa fora da aplicação. Esta troca também acontece para facilitar a comunicação entre as partes, uma vez que consideram o Tinder menos prático e impessoal.

A finalidade seria encontrarem-se pessoalmente, mas admitem que nem é possível, mantendo, por vezes, relacionamentos apenas *online* por um determinado tempo. A frustração pelo facto de a relação não avançar para um encontro pessoal, face a face, influencia a forma como estes terminam essas relações, embora as estratégias utilizadas variem consoante o nível de intimidade estabelecido em cada caso.

A forma como entendem as relações começadas no Tinder difere. Existe um consenso de que a aplicação é um meio legítimo e vantajoso para conhecer pessoas e parceiros sexuais, no entanto, embora considerem também proveitoso para conhecer parceiros românticos, existe uma parte dos entrevistados que não vê a aplicação como uma forma muito aceitável de o fazer, admitindo um preconceito em relação ao Tinder que não têm quando se referem a formas mais tradicionais de conhecer pessoas.

Precisamos olhar para o conceito de ideologias de *media* (Gershon, 2010b, 2010c), e perceber que estas ideologias e crenças criadas pelos entrevistados em relação ao Tinder influencia a forma como estes consideram as pessoas que conhecem por lá e aceitem as relações criadas a partir da aplicação, por vezes até inconscientemente.

Existe um estigma social associado à aplicação e consequentemente a quem a usa, influenciando a perceção que estes têm das pessoas que conhecem lá e influenciando também a forma como lidam e terminam os relacionamentos que iniciaram — e influenciou até o discurso nas entrevistas. Este estigma esteve mais presente no discurso masculino.

Indo ao encontro de Bergdall (2012), o tipo de relação estabelecida tem influência no tipo de estratégia utilizada na dissolução da relação. Assim, tendo por base o nível de intimidade partilhado em cada relacionamento, foram criadas três categorias que emergiram da análise das entrevistas e que ajudam a perceber o tipo de estratégias utilizadas: relação amorosa/afetiva onde o grau de envolvimento físico e emocional é bastante elevado; relação sexual onde existe apenas um envolvimento físico; relação exclusivamente *online* onde o relacionamento é sempre mediado pelas TIC.

Relativamente às estratégias de dissolução de relacionamentos utilizadas surgiram dois grupos de estratégias:

1) Estratégias Indiretas/Evasivas, onde se encontram abordagens não verbais utilizadas com a finalidade de interromper um relacionamento, mas de uma forma esquiva, mediante o desaparecimento repentino ou *ghosting*, privação de contacto com o bloqueio em RSO, distanciamento lento, ou mesmo não tendo nenhuma atitude aceitando a decisão da outra parte ou mantendo uma amizade constante com momentos de maior e menor intimidade ao longo do tempo. Estas estratégias foram praticadas em relacionamentos com uma menor intimidade entre os indivíduos, corroborando Baxter (1982). Quanto menos íntima é uma relação, maior é a probabilidade de o indivíduo utilizar estratégias de dissolução indiretas e esquivas. Estas estratégias tendem a deixar, estrategicamente, o estatuto da relação como indefinido, impreciso, pelo que novos relacionamentos com outros indivíduos podem surgir em simultâneo, sem que o estado da relação esteja certo para as duas partes, como afirmou Bergdall et.al., (2012). De realçar que duas destas estratégias, nomeadamente o *ghosting* repentino e o afastamento lento, não foram utilizadas em casos onde pudesse existir uma incerteza por parte dos indivíduos e das suas vontades nessas relações como Gershon (2010a, 2010b) afirmou. Ao utilizarem estas duas estratégias os indivíduos demonstraram sempre estarem certos das suas vontades e decididos na dissolução da relação, por outro lado, na estratégia da inércia e em pausa — *Stand By* existe essa indeterminação que influencia as estratégias a utilizar.

2) Estratégias Diretas, onde se enquadra a conversa frontal mediada e não mediada, abordagens verbais e assertivas, mediadas pelas TIC ou em copresença física. Dentro destas duas estratégias a conversa frontal não mediada foi mais utilizada em relacionamentos com maior intimidade e proximidade entre os indivíduos e também empregue por influência da outra pessoa, ao exigir respostas declaratórias. A conversa frontal mediada foi utilizada tanto em relacionamentos mais íntimos e afetivos bem como em relacionamentos mais casuais e sem grande ligação emocional.

A partir dos resultados das entrevistas, podemos concluir que as estratégias evasivas são as mais frequentemente utilizadas, principalmente em relações com menor intimidade, no entanto as estratégias diretas são mais bem vistas e aceites pelos indivíduos, sendo também por isso utilizadas em relações de grande intimidade. Os entrevistados afirmaram que estratégias diretas demonstram um maior respeito em relação à outra pessoa e por utilizam-no por forma a tentar manter uma relação de amizade positiva, contudo a frequência da sua utilização não é a maior. Por vezes também as estratégias evasivas e indiretas deixam margem para mal-entendidos que mais tarde podem ou não ser resolvidos com estratégias diretas.

Os entrevistados não demonstraram no seu discurso entender de forma negativa a utilização de meios tecnológicos de mediação na dissolução, mas entendem as estratégias evasivas e indiretas como menos apropriadas — independentemente do nível de intimidade — no entanto isso não é impedimento para continuarem a fazê-lo. Porém existe até uma condenação e vergonha por parte de alguns entrevistados, que se culpabilizam por utilizarem este tipo de estratégia porque acreditam que acabam por magoar a outra pessoa o que demonstra que existe uma compreensão dos efeitos negativos, que estes tipos de estratégias podem ter, tanto para eles como para outros.

Ainda que não exista distinção no tipo de estratégias utilizadas entre géneros e, embora o género masculino tenha demonstrado um maior estigma em relação à aplicação e às relações que lá se iniciam, também apresentaram uma maior atenção aos sentimentos do outro ao contrário do género feminino que indicou uma maior preocupação com os seus próprios sentimentos, no entanto estes resultados podem ter sido influenciados pelo contexto da entrevista.

O colapso de contextos (Boyd, 2002; Jenny & Nathan, 2014), é algo que os entrevistados entendem e tentam resguardar-se, o que acaba por influenciar a experiência do utilizador, uma vez que existe uma preocupação para evitar algumas situações constrangedoras, e por isso levam-no em conta com algum calculismo tanto no início das relações como no término destas. Enquanto no início a estratégia utilizada passa por evitar esse colapso, não dando *like* ou evitando o *match*; assim que o encontro é feito e o colapso de contexto já é uma realidade, a estratégia utilizada vai depender do grau de intimidade e afetividade que tem com a pessoa, não existindo um padrão, mas existindo uma preocupação em utilizar uma estratégia de dissolução que permita um bom ambiente entre as partes. De realçar que esta preocupação não esteve mais presente em indivíduos em meios sociais pequenos e com menos população, aliás, houve até quem mencionasse procurar de forma propositada e intencional esse colapso em meios mais pequenos, no entanto uma abordagem mais profunda sobre o tema seria necessária para entender os motivos desta intencionalidade numa aplicação de *dating*.

As formas de interrupção de relacionamentos utilizadas dentro e fora da aplicação Tinder diferem, mais uma vez influenciadas pela intimidade criada entre os indivíduos. Tendo em conta que o primeiro contacto possível entre os sujeitos é posterior ao *match* quando a janela de conversação surge e a troca de mensagens passa a ser permitida. Havendo interesse em continuar a comunicar, os indivíduos admitem passar para outras RSO, sendo que a relação continua de forma mediada a partir daí, fora da aplicação Tinder. Posto isto, a ligação emocional estabelecida dentro da aplicação é diminuta, pois este é simplesmente o contacto inicial. Assim a estratégia utilizada será semelhante a outras relações com as mesmas características, ou seja, relações onde não exista grande intimidade entre as partes, podendo este ser um relacionamento exclusivamente *online* ou apenas sexual.

Neste estudo, não houve menção de estratégias de auto-orientação, sejam elas de tom manipulador ou positivo, contudo seria essencial a exploração detalhada do conteúdo apresentado na dissolução. A falta de detalhe dada durante as entrevistas, sobre o conteúdo das estratégias utilizadas, deixa margem para que estratégias de auto-orientação existam e não estejam a ser mencionadas. Seria interessante, em futuras investigações direccionar e aprofundar a pesquisa neste sentido.

Existem também, por vezes, incoerências no discurso dos entrevistados, sendo que seria também pertinente fazer uma pesquisa utilizando primeiramente questionário fechado e posteriormente entrevista para explorar melhor estas nuances entre o discurso e a prática.

Referências Bibliográficas

- Baxter, L. A. (1982). Strategies for ending relationships: Two studies. *The Western Journal of Speech Communication*, 46(3), 223–241. <https://doi.org/10.1080/10570318209374082>
- Bergdall, A. R., Kraft, J. M., Andes, K., Carter, M., Hatfield-Timajchy, K., & Hock-Long, L. (2012). Love and hooking up in the new millennium: communication technology and relationships among urban African American and Puerto Rican young adults. *Journal of sex research*, 49(6), 570–582. <https://doi.org/10.1080/00224499.2011.604748>
- Blaikie, N. (2000). *Designing Social Research*. Cambridge: Polity Press
- Bolter, J. D., & Grusin, R. A. (1999). *Remediation: Understanding new media*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- Boyd, D. (2002). *Faceted ID/entity: Managing representation in a digital world* [Dissertação de Mestrado - Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, MA]. Mit media lab. <https://www.media.mit.edu/publications/faceted-identity-managing-representation-in-a-digital-world/>
- Boyd, D. (2011). Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. Em Z. Papacharissi, *A networked self: identity, community and culture on social network sites* (pp. 39-58). Routledge.
- Boyd, D. & Ellison, N. (2007). Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. *Journal Of Computer-Mediated Communication*, 13(1), 210–230. <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>
- Cardoso, G., Coelho, A., Costa, A., & Pereira, A. (2015). *A Sociedade em Rede em Portugal - Uma década de Transição*. Almedina.
- Castells, M. (2004). *A galáxia internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M. & Cardoso, G. (2006). *A sociedade em rede: Do conhecimento à Acção Política*. Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Chambers, D. (2013). Digital Dating and Romance. Em D. Chambers, *Social Media and Personal Relationships: Online Intimacies and Networked Friendship*. (pp. 121-141) Palgrave Macmillan. <https://doi.org/10.1057/9781137314444>
- Cody, M. J. (1982). A typology of disengagement strategies and an examination of the role intimacy, reactions to inequity, and relational problems play in strategy selection. *Communication Monographs*, 49(3), 148–170. <https://doi.org/10.1080/03637758209376079>
- Creswell, J. W. (2014) *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. Londres, Sage
- David, G. & Cambre, C. (2016). Screened Intimacies: Tinder and the Swipe Logic. *Social Media + Society*, 2(2), 1-11. <https://doi.org/10.1177/2056305116641976>
- DEWES, J. O. (2013). *Amostragem em bola de neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos*. [Monografia Especialização - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre]. Repositório Digital LUME. <http://hdl.handle.net/10183/93246>
- Döring, N. (2002). Personal Home Pages on the Web: A Review of Research. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 7(3). <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2002.tb00152.x>
- Gershon, I. (2010). Breaking Up Is Hard To Do: Media Switching and Media Ideologies. *Journal of Linguistic Anthropology*, 20(2), 389-405. <https://doi.org/10.1111/j.1548-1395.2010.01076.x>

- Gershon, I. (2010). Media Ideologies: An Introduction. *Journal of Linguistic Anthropology*, 20(2), 283-293. <https://doi.org/10.1111/j.1548-1395.2010.01070.x>
- Gershon, I. (2010). *The breakup 2.0: Disconnecting Over New Media*. Cornell University
- Hobbs, M., Owen, S. & Gerber, L. (2016). Liquid love? Dating apps, sex, relationships and the digital transformation of intimacy. *Journal of Sociology*, 53(2), 271–284. doi: 10.1177/1440783316662718.
- Jenny, L. D. & Nathan, J. (2014). Context collapse: theorizing context collusions and collisions, *Information, Communication & Society*, 17(4), 476-485, <https://doi.org/10.1080/1369118X.2014.888458>
- Lévy, P. (2009). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- May, T. (2004). *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. (Vols. 3). Artmed
- Meenagh, J. (2015). Flirting, dating, and breaking up within new media environments. *Sex Education*, 15(5), 458-471. <https://doi.org/10.1080/14681811.2015.1033516>
- Miller, D. (2013). *Future Identities: Changing Identities in the UK – the Next 10 Years*. London: University College London.
- Miller, D. (2016). *How the World Changed Social Media*. London: UCL Press.
- Pascoe, C. J. 2010. Intimacy. Em I. Mizuko, S. Baumer, M. Bittanti, D. Boyd, R. Cody, B. Herr-Stephenson, H. A. Horst, et al., *Hanging Out, Messing Around, and Geeking Out: Kids Living and Learning with New Media*, (pp. 117– 148). Cambridge, MA: The MIT Press.
- Ranzini, G. & Lutz, C. (2016). Love at first swipe? Explaining Tinder self-presentation and motives. *Mobile Media & Communication*, 5(1), 80-101. <http://dx.doi.org/10.1177/2050157916664559>
- Ranzini, G. & Lutz, C. (2017). Where dating meets data: Investigating social and institutional privacy concerns on Tinder. *Social Media + Society*, 3(1), 1-12. <https://doi.org/10.1177/2056305117697735>
- Recuero, R. (2009). *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Rosa, H. (2019). *Aceleração: A transformação das estruturas temporais na modernidade*. Tradução: Rafael H. Silveira. Unesp.
- Rosenfeld, M. & Thomas, R. (2012). Searching for a Mate: The Rise of the Internet as a Social Intermediary. *American Sociological Review*, 77(4), 523–547. <https://doi.org/10.1177/0003122412448050>
- Sepúlveda, R., & Vieira, J. (2020). Motivações para o uso de aplicações de online dating no contexto português: A relevância dos turning points. *Análise Social*, 55(235 (2)), 300-330. <https://doi.org/10.2307/26936576>
- Silva, L. J. (2001). Internet: A geração de um novo espaço antropológico. Em A. Lemos, & M. Palacios (Eds), *Janelas do ciberespaço: Comunicação e Cibercultura* (152-172). Editora Sulina
- Silva, L. M., Silva, M. F. & Moraes, D. C. (2013). A internet como ferramenta tecnológica e as consequências de seu uso: aspectos positivos e negativos. *Semana Acadêmica*. <https://semanaacademica.com.br/artigo/internet-como-ferramenta-tecnologica-e-consequencias-de-seu-uso-aspectos-positivos-e>
- Sprecher, S., Zimmerman, C. & Fehr, B. (2014). The influence of compassionate love on strategies used to end a relationship. *Journal of Social and Personal Relationships*. 31(5). 697-705. <https://doi.org/10.1177/0265407513517958>
- Sumter, S., Vandenbosch, L., & Ligtenberg, L. (2017). Love me Tinder: Untangling emerging adults' motivations for using the dating application Tinder. *Telematics And Informatics*, 34(1), 67-78. <http://dx.doi.org/10.1016/j.tele.2016.04.009>

- Timmermans, E., & Courtois, C. (2018). From swiping to casual sex and/or committed relationships: Exploring the experiences of Tinder users, *The Information Society*, 34(2), 59-70. <https://doi.org/10.1080/01972243.2017.1414093>
- Valkenburg, P. M., & Peter, J. (2010). Online communication among adolescents: An integrated model of its attraction, opportunities, and risks. *Journal of Adolescent Health*, 48(2), 121–127. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2010.08.020>
- Vieira, J., & Sepúlveda, R. (2017). A autoapresentação dos portugueses na plataforma de online dating Tinder. *Observatorio (OBS*)*, 11(3). <http://dx.doi.org/10.15847/obsobs11320171150>
- Wellman, B. S. (1996). Computer Networks as Social Networks: Collaborative Work, Telework, and Virtual Community. *Annual Review of Sociology*, 22, 213-238. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.22.1.213>
- Zimmerman, C. (2009). Dissolution of relationships, Breakup strategies. Em H. T. Reis & S. Sprecher (Eds.), *Encyclopedia of Human Relationships* (pp. 434–435). Thousand Oaks, CA: Sage.

